



FACULTAD DE TEOLOGÍA
MÁSTER EN ESPIRITUALIDAD IGNATIANA

A FORMAÇÃO HUMANO-EDUCACIONAL PRÉ- ESCOLAR EM INÁCIO DE LOYOLA

Autor: Marcos Epifanio Barbosa Lima
Director: Luis María García Domínguez

Madrid
2015

SUMÁRIO

Lista de Siglas e Abreviaturas	04
Apresentação	05
CAPÍTULO 01 – “Dos livros que não havia.” [Au 5,4]	
O período de Loyola [Au 2-12]	
1. O texto	09
2. O contexto	09
3. O Mestre Inácio e sua formação humana	13
CAPÍTULO 02 – “Nenhum trabalho seria difícil demais...” [Au 23,6]	
O período de Manresa [Au 18,3-34]	
1. O Texto	45
2. O Contexto	46
3. O Mestre Inácio e sua formação humana	52
CAPÍTULO 03 – “E de ambas as partes haviam razões prováveis”. [Au 36,3]	
O período de Jerusalém [Au 35-53]	
1. O Texto	63
2. O Contexto	64
3. O Mestre Inácio e sua formação humana	66
CONCLUSÕES	77
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	81

LISTA DE SIGLAS

Au	Autobiografía. Acta Patris Ignatii scripta a P. Lud. González de Cámara 1553/1555, FN I, Roma 1943, 354-507 (66).
Cap.	Capítulo.
Conf.	Conferir.
DE	Diario Espiritual. Monumenta Constitutionum I, Roma 1934, 86-158 (63). DEI – Dicionário de Espiritualidad Ignaciana (Volumes I e II)
EE	Exercícios Espirituais. Exercitia Spiritualia, Roma 1969 (100)
FI	Fórmula do Instituto (sem data, se refere à Expositio Debitum, de Júlio III).
FN	Fontes Narrativi de S. Ignatio de Loyola et de Societatis Iesu initiis (4 vols.), Roma 1943 -1965 (66, 73, 85, 93).
MHSI	Monumenta Histórica Societatis Iesu.
Nº.	Número.
PROFESEI	Programa de Formação em Espiritualidade e Educação Inacianas.
Op. Cit.	Obra Citada.
p.	página.
pp.	páginas.
UPComillas	Universidad Pontificia Comillas.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho¹ tem como objeto de pesquisa a formação humana inicial do Mestre Inácio conforme o que se encontra em sua Autobiografia [Au]. O tema focal que norteia o estudo é a formação humano-educacional inicial em Inácio de Loyola desde sua Autobiografia: um processo contemporâneo para forjar identidade docente e espírito discente. Como um tema auxiliar, para tratar da base formativa educacional da personalidade humana de Inácio², temos os passos para uma melhor compreensão do itinerário autobiográfico na formação humana e didática de Inácio – em um perfil aprendente e ensinante.

A base delimitadora desse período inicial é a dimensão geográfica que perpassa os locais em que Inácio viveu a gênese da “nova vida que começava” [Au 21,3]. Desse modo, a pesquisa está dividida em três capítulos que coincidem com os três principais locais formativos da primeira etapa de formação humana de Inácio: Loyola, Manresa e Jerusalém. Houve a escolha do parâmetro geográfico como linha de estruturação do texto sobre o processo educativo de Inácio, por ser esse também o critério adotado por Rambla para seu livro *El Peregrino Autobiografía de San Ignacio*³. Tal livro será a fonte utilizada como um dos textos base para essa pesquisa⁴.

Trata-se aqui, portanto, de evidenciar e tecer comentários com enfoque educacional dos períodos pedagógicos vividos pelo Peregrino em seu itinerário desde Loyola até Jerusalém, passando por Manresa, ou seja, o tempo que concerne ao que chamamos aqui de seu período de formação ‘pré-escolar’. Trabalharemos também sobre o modo como, nesse espaço de tempo, ele foi se (re)constituindo internamente, à medida que ia recolhendo e selecionando aprendizagens existenciais que o inspirariam para toda

¹ Essa pesquisa toma como padrão de referência bibliográfica as bases estabelecidas pela ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

² A Autobiografia de Santo Inácio e o Memorial de Padre Câmara formam o binômio “imprescindível para um adequado e completo conhecimento da **personalidade espiritual e humana** de Inácio” (Montes, 1991 p.9).

³ Rambla, 2011.

⁴ É importante não se distanciar de uma leitura crítica quando da análise das expressões sobre essa base bibliográfica central, uma vez que o processo de confecção da Au., ou seja, o modo como ela foi escrita não é autoral de Inácio, mas cópia da narrativa de vida deste por Pe. Luiz da Câmara, seu interlocutor, após este ouvir os trechos que Inácio lhe contava quanto a sua vida. Tal método foi assim expresso: “Esforcei-me por referir somente as palavras do Padre. E quanto àquilo que temo ter faltado, foi porque para não me desviar das palavras do Padre, não pude explicar bem a força de alguma delas. [Au. Prólogo de Câmara. p. 19].

a vida e se fizeram notar na “educação inaciana” – que engloba a própria Pedagogia Inaciana.

No período tratado, o enfoque educacional de Inácio está mais voltado para os aprendizados práticos da vida, aqueles que ocorrem fora dos muros da escola, e que por isso se apresentam, na Autobiografia, sem uma didática aparente e sem métodos e técnicas expressados de forma clara e evidente. Essa maneira prática de aprender com a vida se evidencia ainda mais fortemente quando percebemos que em todo esse período (de Loyola em 1521 a Barcelona em março de 1524) os relatos autobiográficos de Inácio lendo algum livro, não era propriamente para examiná-los e estudá-los academicamente, mas sim para suprir uma devoção pessoal.

Essa é a ocasião em que, para satisfazer uma crescente sede profundamente entranhada em si, era necessário deixar-se guiar, deixar-se conduzir, ser capaz de ‘aprender a aprender’; experiência sumamente difícil para alguém que, como ele, foi treinado para comandar e ordenar, dada, por exemplo, a formação cavaleiresca anteriormente recebida nos anos que passou em Arévalo e também em seu período subsequente, a serviço do Duque de Nájera⁵.

Com tal enfoque haverá, necessariamente, uma secção, velada e latente, entre os modos de analisar e comentar o texto da Autobiografia de Santo Inácio, desde os prismas que nos permitem a intenção desse trabalho, a saber: o educacional, o pedagógico, o metodológico e o didático. E esse será um dos principais limites do texto. Tais características formais do ensino-aprendizado estão espargidas, quer mais, quer menos, em toda a obra Inaciana, chegando-se até mesmo a se tronar senso comum que Inácio (e, por derivação, os jesuítas) tem uma excelente capacidade inata para a organização e o método, para “o modo e ordem” [EE 2].

⁵ Mesmo que esse importante período de formação inicial de Inácio escape ao limite do objeto de pesquisa aqui proposto, ainda assim, pela importância que tal formação tem na existência do ser humano, cabe ressaltar que uma das referências mais aprofundadas sobre essa temática são os textos e artigos do Professor Rogelio Garcia Mateo, em especial os publicados pela revista Manresa (Conf. Bibliografia). Também Meissner e García Villoslada – citados já desde o primeiro capítulo e em todos os demais – aportam muita luz sobre os primeiros tempos do Inácio aprendente. Por se tratarem de leituras basilares, retornaremos a elas em dados momentos para iluminar e referendar algumas passagens da Autobiografia, quando vejamos que seja pertinente retomar o tema da formação inicial de Inácio.

Portanto, o que comentaremos aqui são justamente esses prismas que, a depender das possibilidades que o texto autógrafa estudado venha a sugerir, vão oscilar entre os quatro enfoques supracitados e que aqui esquadrimos, quais sejam:

a) *da Educação em si* e como um todo, como representativa de uma generalidade organizada, partindo do princípio que “enquanto há um fôlego de vida no ser humano, ele sofre e comunica ‘Educação’;

b) *das vertentes pedagógica* que dialogam com todas as demais áreas do conhecimento (sem, contudo, se confundirem com elas), a saber: Antropologia, Filosofia, Sociologia, Linguística, Teologia, Matemáticas, Ciências da Saúde etc.;

c) *da dimensão didática* que dará o tom do texto, nos momentos em que serão tratados especificamente temas relacionados ao aprendizado humano-intelectual do Peregrino;

d) *do aparato metodológico* que envolveu a Inácio em sua formação humana e que apresentou-se de forma pungente no ‘que fazer’ atitudinal que abraçou o santo de Loyola em suas futuras comunicações humano-educacionais.

Expondo sumariamente o que encontramos nas páginas que seguem, temos em cada um dos três capítulos uma divisão em três partes⁶ com o seguinte modelo de análise dessa peregrinação que perpassa as dimensões da formação inicial de Inácio:

‘*Parte I – O Texto*’ – Breve narrativa à guisa de apresentação sumária sobre o que há no texto autobiográfico em si mesmo;

‘*Parte II – O Contexto*’ – condensada exposição sobre o ‘Estado da Arte’. Traça uma narrativa sobre o que já se disse e o que já se pesquisou nos últimos anos em relação ao tema tratado em cada capítulo;

‘*Parte III – O Mestre Inácio e a sua Formação Humana*’ – análise do processo educativo (quando ele aprende) e educacional (quando ele ensina) de Inácio, e comentários originais das relações didático-pedagógicas e humano-educacionais presentes no texto autobiográfico;

⁶ Essas três partes formam um todo harmônico visto desde uma ‘perspectiva em espiral’, na qual o mesmo tema, em um local específico e com acontecimentos os mais variados, é submetido a distintos enfoques narrativos e analíticos didático-relacionais, de modo a aprofundá-los a cada retorno a si mesmo em uma ótica particular e distinta.

Tomaremos como modo de tratamento para Inácio a palavra ‘Mestre’, mais pela experiência⁷ que ele teve nesse período pré-estudos formais do que por uma questão acadêmica jurídico-legal, título que ele também possuiu quando de seu término de estudos em Paris, em 1535⁸.

Tal estudo aporta ainda um modo de aproximação científica, angulado pela tríade do ‘ensino-aprendizagem-comunicação’, mesclados e inter-relacionados entre si. À medida que o Mestre Inácio ia aprendendo, também ia ensinando e essa foi a grande marca de sua longa e processual formação humana inicial, constituinte de uma vida que passou por mutações identitárias profundas, sendo ele um ser ‘aprendente’, ‘aprendente-ensinante’ e ‘ensinante’, tudo a um tempo e de modo integral, no mundo que em que ele estava inserido.

É a formação inicial de Inácio que ajuda a tecer uma conexão estrutural que possibilita apresentar o processo que forjou sua identidade, seu caráter e seu espírito; nessa perspectiva é que evidencia-se também, nesse estudo, passos para uma melhor compreensão do caminho de educação integral – omnilateral – de Inácio de Loyola como protótipo de um itinerário modelar possível ao educador moderno.

No que se refere ao eixo epistemológico selecionado para a pesquisa, faz-se imperativo que essa análise da formação de Inácio caminhe paralelamente com a já tão conhecida e estudada história da conversão espiritual desse grande basco, daí a escolha de tomar como fonte primeira e matricial a narrativa original contida na sua Autobiografia, que um relato espiritual.

Porém, o texto aqui apresentado perpassa a ótica do motor espiritual que moveu esse santo espanhol pelo amplo e vasto mundo, desde sua conversão, e se centra em uma análise da vida que ele mesmo nos apresenta na Autobiografia desde outro enfoque: o pedagógico-educacional e didático-metodológico.

⁷ Utilizamos aqui o termo ‘Mestre’ para identificar Inácio como alguém que, no decorrer da sua formação inicial no mundo, antes dos estudos acadêmicos, já havia conquistado um patamar de honra, sabedoria e intimidade no tratamento com Deus consigo mesmo e com as pessoas. Isso foi o que de fato lhe rendeu uma ‘maestria’ na orientação da sua vida e no exemplo de liderança positiva que oferecia às pessoas que dele se aproximassem antes mesmo dos estudos formais a que se submeteu após a sua peregrinação à Jerusalém.

⁸ Iglesias, 259.

CAPÍTULO 01

“Dos livros que não haviam.” [Au 5,4]

O período de Loyola [Au 2-12]

1. O TEXTO

Ferido na Batalha de Pamplona [Au 1,1], Íñigo continua passando mal e lhe submetem a cirurgias para recompor os ossos de sua perna [Au 2,5]. Quando já dava sinais de melhora, ele percebeu que um osso ficou sobressalente e ele optou então por martirizar-se em uma nova cirurgia, na qual não disse nada e apenas cerrava muito os punhos como único sinal de dor, pois queria seguir o mundo [Au 4].

No longo processo de recuperação, Íñigo pede livros para se entreter e lhe dão livros com histórias piedosas sobre a vida de Cristo e dos santos [Au 5]. Tais livros mudam seu modo de ver a vida e seus projetos futuros [Au 7].

Parando por grandes momentos para pensar nas coisas que leu e também nas coisas do mundo, veio assim a conhecer a diversidade dos espíritos [Au 8,5]. Essa mutação lhe provocou uma conversão interior, sentida pelos membros da família [Au 10,5], com quem passou a conversar para fazer proveito às suas almas, ao passo que resumia, em 300 folhas, um dos livros que havia meditado [Au 11].

Ao querer despedir-se de Loyola para viver uma nova vida de privações e provações, Íñigo ainda tem que desvencilhar-se de seu irmão mais velho que tinha para ele outros planos [Au 12].

2. O CONTEXTO

A voz ‘Loyola’, escrita no Dicionário de Espiritualidade Inaciana⁹, registra que: a) esse é um toponímico comum nas paragens de Guipúzcoa, às margens do rio Urola, nos montes de Oñaz; b) é em Loyola que está a casa torre que serviu como fortaleza feudal para o clã dos Loyola e que, como um sinal de transformação social profunda de uma construção mais nobre a uma mais humilde, foi reconstruída com pedra e ladrilhos, com lanças mudéjar, grandes e numerosas janelas, antes do nascimento de Íñigo; c) os habitantes da casa torre dos Loyola eram mais nobres e belicosos que urbanizados e

⁹ Coupeau/Cacho. DEI II. 1143-1149.

alfabetizados. Suas rendas provinham de propriedades agrárias, comércio local e bens eclesiásticos; d) a Paróquia (em Azpeitia) era patronato dos senhores de Loyola desde de 1394. Em sua paisagem humana, a cultura e a língua era o basco (euskera), a fé não tinha uma moral consequente; e) havia um pedagogo que ensinou Íñigo a ler e escrever em castelhano antes dele ser mandado a Arévalo; f) Íñigo passa em Loyola três períodos¹⁰: 01) a infância (1491-1507); 02) a convalescência (1521-1522); 03) e o retorno para recuperação da saúde (1535).

2.1 – Convalescência

Já em Loyola, após as cirurgias que sofreu, “cerrando muito os punhos, como único sinal de dor que o código de cavalaria permitia a seus professos¹¹”, Inácio recebe a notícia da derrota dos franceses que “ocuparam Navarra por pouco mais de um mês. A ocupação chegou a seu fim na batalha de Noáin¹²” na qual as tropas guipuzcoanos e castelhanas havia derrotado a Foix¹³.

À medida que ficava reabilitado, Íñigo, pouco a pouco, “sai da Casa Torre, visita amigos e parentes, provando suas forças para futuras peregrinações¹⁴”. E nesse processo de recuperação física, Íñigo também passou por uma reestruturação de sua personalidade¹⁵

Quanto as visitas que recebeu, seguramente uma delas foi de seu amigo Montalvo, antigo companheiro como pajem do contador Juan de Velázquez de Cuéllar que animou Inácio a aceitar o comando de alguma fortaleza que o Duque viesse a lhe conceder¹⁶.

Tal proposta se torna ainda mais importante, dada a precária condição financeira de Íñigo que, diversamente dos demais combatentes de Pamplona, não recebeu nenhuma ajuda de custo por essa batalha, uma vez que “não aprece nenhuma cédula similar [*a de Alonso de San Pedro*] para Íñigo, quando ambos foram feridos juntos¹⁷”.

¹⁰ Há também momentos esparsos em que Íñigo, já em Arévalo, vai de festas a sua casa, como, por exemplo, no carnaval de 1515 – quando recebe uma denúncia criminal.

¹¹ Leturia, 126.

¹² Dalmases, 40.

¹³ Arteché, 55-56.

¹⁴ Iturrioz, 65.

¹⁵ Meissner, 91.

¹⁶ García Hernán, 97.

¹⁷ García Hernán, 92

Na verdade, dos dez ducados cobrados por Martín de Iztiola pelo tratamento de Íñigo, este só lhe pagou quatro. Foi sua cunhada, Magdalena de Araoz, quem completou o que faltava pagar pelas cirurgias realizadas¹⁸.

2.2 – Os livros

Os livros *Flos Sanctorum* e *Vita Christi*, pertencentes a cunhada de Íñigo Magdalena, são um reflexo do que se pode chamar ‘Pedagogia Literária de Deus’¹⁹, ou seja, leituras espirituais podem servir de mote para o chamado profundo e radical de seguimento a Deus. Tais livros, em especial o *Flos Sanctorum*, foram escritos e destinados ao leitor leigo²⁰.

Essa grande inovação, de oferecer ao povo com uma cultura regular um livro religioso em vernáculo, foi o que possibilitou a Inácio, leigo que era, poder ler, entender e se maravilhar “em sua própria língua tudo o que se estava dizendo sobre Jesus” (Atos 2,6). Ademais, imbuídos da cultura da época, os livros sagrados estavam ‘inculturados’, para um ambiente cavalheiresco da época, pelo qual foi ainda mais fácil para Inácio se conectar com o que lia.

Nas primeiras leituras piedosas desse momento de Íñigo, ele se depara com uma única e singular palavra, que por primeira vez é registrada em um livro²¹ e que será um símbolo dos futuros projetos de Inácio. No livro *Vita Christi*, de Ludolfo de Saxônia, há a palavra: *Jesuítas!*

Do original:

“Esse Nome Cristo é nome de graça; mas o Nome Jesus é nome de Glória, pois assim como na vida presente, pela graça do batismo, somos chamados cristãos, vindo desse Nome Cristo, bem assim, na Glória celestial, serão chamados os santos Jesuytas que quer dizer salvos pela virtude do Salvador²²”.

Íñigo não se contenta apenas com ler os livros que se lhe foram oferecidos. Ele reage de forma distinta com cada um deles: a um resolve imitar as histórias narradas (*Flos Sanctorum*); a outro (*Vita Christi*), ele decide resumir com tinta vermelha (as passagens sobre Cristo) e tinta azul (as passagens sobre Nossa Senhora) [Au 11,3]. Possivelmente, Íñigo teve contato com a versão primeira do *Vita Christi*, pois seu

¹⁸ Idem, 95.

¹⁹ García-Mateo, 49

²⁰ García Villoslada, 158; García-Mateo, 53.

²¹ *Vita Christi*. In: García Villoslada, 159.

²² Lamet, 142.

método de separação de temas é idêntico ao utilizado na obra original que “estava escrita em duas cores: vermelhas para as citações bíblicas e azul escuro para o resto do texto²³”.

A relação de Inácio com as leituras apresentadas a ele por sua cunhada, o coloca frente a frente com a história de pessoas que lhe eram conhecidas, mas não familiares, claro que ele, em uma catequese infantil familiar básica e nas missas que ia, já tinha ouvido de Jesus e dos santos, mas nunca havia tido a oportunidade, a paciência ou o interesse de estudá-los como agora o fazia.

Por isso é que a conversão de Íñigo começa através da leitura e ele “entra assim em contato com homens (os santos) que, ao largo de muitos e distintos séculos, coincidem em ser expoentes privilegiados da vida eclesial²⁴”.

2.3 – As pessoas.

Ao retornar a Loyola do modo como retornou, bastante ferido e vulnerável, Íñigo pode ser comparado com alguém em um estado infantil que se caracteriza por uma extrema dependência dos que o cercam e, ainda, com certas tendências a pensar em uma conversão e mudança de vida. Essas circunstâncias facilmente possibilitam um cenário de caráter regressivo em que o mestre Inácio apresentava-se tendencioso a submeter-se às exigências dos pais, especialmente da mãe²⁵.

2.3.1 – Relação de Íñigo com Magdalena de Araoz.

García Hernán²⁶ apresenta dois principais traços relacionais e afetivos de Íñigo com sua cunhada: a) como perdeu a mãe muito cedo, ele buscou carinho e consolo em sua cunhada, Magdalena de Araoz; e b) Magdalena sempre dispensou a Íñigo um cuidado maternal.

Dessa relação, destaca-se um fato que foi narrado por sua sobrinha (filha de Magdalena) para a causa de beatificação de Inácio, no que dizia respeito ao comportamento Inácio em relação a mentira de que qualquer monta, ele a via como mui digna de reproche e portanto ficou dias sem falar com Madalena²⁷.

²³ García Mateo, 53

²⁴ Corella, 27.

²⁵ Meissner, 88.

²⁶ Op. Cit. p. 28 e 95.

²⁷ Arteché, 66.

2.3.2 – Relação de Íñigo com os de casa (demais parentes e trabalhadores)

Uma relação à parte nessa conversão de Inácio diz respeito ao fato dele querer comunicar a todos os da casa tudo o que de espiritual estava aprendendo naqueles dias de convalescência [Au 11,1], momento em que Íñigo relatava para eles trechos do *Flos Sanctorum*²⁸.

2.3.3 – Relação de Íñigo com seu irmão Martin de Loyola.

A versão apresentada por Leturia, relata que Martin passou fora da casa torre o momento mais crítico da enfermidade de Íñigo²⁹. Pelo relato autobiográfico de Inácio [Au 12,7], temos um bom reflexo do cuidado que Martín de Loyola dispensava a seu irmão mais novo, pois “Martin andava preocupado com a mudança de seu irmão³⁰”.

Pela índole guerreira apresentada por Martín, pode-se deduzir que Inácio aprendeu muito de seu irmão mais velho, pois muitos traços de atitudes de Íñigo se vem em Martin quando este, por exemplo, ele quis defender Fuenterrabía até a morte³¹.

Na autobiografia, o fim dessa estada de Íñigo em Loyola dá-se justamente com a narrativa de um confronto pelo descontentamento quanto ao novo estilo de vida que ele queria abraçar, pois à medida que Don Martin se exaltava com os relatos da guerra, Íñigo agora demonstrava profundo desalento sobre tais tema³².

Por esse clima criado por Íñigo é que Martin estava mais inquieto e perturbado que nunca em relação ao futuro de seu irmão³³.

3. O MESTRE INÁCIO E SUA FORMAÇÃO HUMANA.

Mesmo tendo vivido toda a segunda metade de sua vida fora dos muros de Loyola, mesmo tendo experienciado o seu crescimento em idade, conhecimento e honra fora de Guipúscoa e mesmo que a relação com seus parentes seja apenas ir a esporádicos momentos festivos em sua terà natal, ainda assim a casa-torre solariega é

²⁸ García Villoslada, 174.

²⁹ Leturia, 123.

³⁰ Iturrioz, 65

³¹ Dalmases, 39

³² Arteche, 69

³³ Dalmases, 40.

onde está sua família e é lá onde os Loyola vivem suas vicissitudes, pois para eles a família é um valor inegociável e ninguém cuidaria melhor de Íñigo que o seu irmão Martín e sua cunhada Magdalena. Esse parecia ser o acordo velado entre as casas nobres da região e que fez com que Íñigo não retornasse ao senhor a quem servia e sim tomasse o caminho do vale de Azpeitia e aí passasse sua longa convalescência.

Loyola é a referência primeira e genética de Inácio, isso se confirma também no fato de ele não ter passado para a história como Santo Inácio de Manresa – onde completou e definiu toda sua mística e onde escreveu o tesouro da Igreja, os Exercícios Espirituais; ou Santo Inácio de La Storta – local místico onde vê confirmado toda o seguimento a Cristo feito por ele até o momento e onde via confirmada também a Companhia de seu amado Rei, Jesus.

Loyola já tinha um senhor (o irmão mais velho de Inácio, Martin de Loyola) e Inácio era o mais imprevisível candidato a assumir o comando da Casa Torre e continuar o nome da família, pois era o filho mais novo. Ainda assim, Íñigo torna-se Santo Inácio de Loyola – local onde tudo começou e recomeçou na vida do Peregrino. Loyola já não era *sua* casa, nem mesmo *seu* lar, mas ele era um Loyola e se isso não lhe garantiria títulos e possessões, dava-lhe ao menos sangue e honra, um nome e uma família, enfim, uma pertença afetiva a algo de que se orgulhar e que era maior que ele mesmo; também por isso não rejeitou seu rincão e acabou perpetuando e fazendo propagar pelos séculos o nome daquele “local (loy) lodoso (ola)”.

É em Loyola que se dá a nova gênese de Inácio: Pamplona foi o fim de um *serviço*, Loyola é o começo de um *amar* [EE 233]; até Pamplona Inácio seguiu um Rei Temporal, que foi “escolhido pela mão de Deus nosso Senhor e a quem prestam reverencia e obedecem todos os príncipes e toso os homens cristãos” [EE 92]; em Loyola passará a seguir o Rei Eterno, “Cristo nosso Senhor, com o mundo inteiro diante de si, chamando a todos e a cada um em particular, ele que é o Rei Universal” [EE 95.97].

Em Loyola, o convalescente Inácio foi acolhido para curar-se de suas feridas corporais, mas ninguém nunca poderia imaginar, nem sequer ele mesmo, o que lhe estava reservado para os próximos meses, ou seja, que ele curaria seu corpo, fortaleceria sua mente e enobreceria seu espírito. É esse “fortalecimento mental” o que nos interessa desenvolver particularmente nas linhas que seguem.

Essa etapa de Loyola marca o cerne e a gênese de um novo aprendizado de Inácio quanto ao modo como se move a interioridade humana: o que lhe provoca alegria? O que lhe provoca tristeza e amargor? O que, enfim, faz do ser humano alguém sempre aprendente com as vicissitudes da sua própria vivência? Daqui se depreende algo de importância basilar para a mensagem educativa que permeia o presente trabalho: *Inácio ensinou porque primeiro aprendeu*; e seu aprendizado ocorreu em uma chave que nunca se esquece, nem se pode esquecer, a da vivência particular e única, presente, por exemplo, na experiência que o próprio Inácio compilou no Livro dos Exercícios e passou a sugerir aos exercitantes como se tratando de uma “sindérese³⁴ da razão” [EE 314].

3.1 – Sobre Pamplona: lições de uma guerra não terminada.

O encontro marcado de Íñigo consigo mesmo, através de uma bala de canhão, teve reverberações e resultados imprevistos e necessários à mudança: a bala perdeu-se na história, enterrada pelos séculos sob o chão do terreno da batalha, em Pamplona; Inácio achou-se no espírito, permitindo que as esperas que teria que sofrer pelas feridas daquela bala fossem convertidas em começo de lição de interioridade.

Essa mediação, entendida como algo que vem de fora e afeta internamente³⁵, é a um tempo simples e contundente e foi o motor inicial que transformou o que seria uma história meramente profana em uma rica gênese de história humano-espiritual. Essa é uma das grandes lições simbólicas de Pamplona para Inácio e para os educadores de hoje: “as balas de canhão” que as experiências vitais e educacionais lançam são proporcionais às forças de resistência que possuem os que a sofrem, e os danos que elas provocam tem a ver com a diversidade de distrações e inquietudes vividas no momento do choque.

³⁴ Lei inata da moralidade; âmago da personalidade, onde se localizam as raízes inconscientes da moral, com tendência interna para a transcendência. (Kovecses, 1969) São Paulo trata sobre a sindérese ao descrever, em sua carta aos Romanos, a atitude intrínseca dos que não precisam seguir a Lei (os pagãos) e ainda assim, mesmo sem conhece-la, a observam, pois “os preceitos da Lei estão escritos em seus corações; a consciência deles também testemunham isso, assim como os julgamentos interiores, que ora os condenam, ora os aprovam”. (Romanos 2,15).

³⁵ As bases conceituas sobre ‘mediação’, foram expostas por Javier Melloni, SJ na “Exposição sobre o Peregrino”, no Curso de Especialização ‘Máster Ignatiana’, UPComillas, 2014.

Em outras palavras: cada atitude pessoal, na relação com outras pessoas e com coisas, tem a potência de destruir ou construir o mundo interno criado por cada um; o que está em jogo então é poder ir conhecendo, a cada nova experiência, de que matéria é composta a estrutura humana que está sendo posta à prova. Nesse sentido, e partir desse viés, é mais verossímil cogitar que a relação presente entre mediador, mediação e paciente é muito similar àquela que ocorre na relação entre o ensinante, o recurso e o aprendente.

Contudo, se se objetiva um verdadeiro método de catarse processual e aprendizado experiencial, deve pôr-se mais ênfase basilar na estrutura humana que sofre o ataque do que no ataque em si, ou mesmo no objeto que serviu de arma para atingir aquele que luta, pois mesmo que outros tenham sofrido em Pamplona o mesmo assédio que Inácio, há indícios que tal fato não garantiu novos e mais honrados conhecimentos sobre si mesmos e sobre a vida, uma vez que apenas em Inácio “o impacto da bala de canhão em Pamplona pôs em movimento uma série de acontecimentos que haviam de ter consequências transcendentess³⁶”.

Na verdade, ocorreu justo ao contrário em alguns dos que defendiam o castelo junto com Íñigo e que não souberam como levar adiante, na vida cotidiana, a nobre resposta ao discurso feito pelo inflamado diplomata Inácio³⁷, que os motivou a segui-lo e a entregar a própria vida por ideais mais elevados.

Houve mesmo entre os combatentes quem tenha realizado o caminho inverso ao da virtude moral vivida até então, como no caso de Alonso de São Pedro, inspetor de artilharia em Pamplona, que “ficou logo curado e que mesmo sendo tão velho que em sua cabeça não se encontra um cabelo negro e não tenha na barba pelos que não sejam brancos”³⁸, ainda assim se casou com uma jovem de vinte anos, o que causou certo constrangimento em todos que o conheciam a ponto de gerar comentários como esse: “quando nos anciãos correm a luxúria, em que perigo estamos os moços!” (Idem). Assim que “as feridas por si mesmas, não convertem a ninguém” (Ibidem).

A História é como um rio que deságua no mar e se converte em oceano, fazendo do rio também oceano e do oceano também rio, como uma narratividade cujas fontes que, ao brotarem tímidas de um chão qualquer, não se podem inteirar do agigantamento

³⁶ Meissner, 91.

³⁷ Sobre o Inácio ‘diplomata’ e ‘pacificador’, veja-se: García Villoslada, pp. 139-144.

³⁸ Tellechea, 89

oceânico a que está destinada. Desse mesmo modo, o tempo de Loyola (e a história lá vivida) serviu para Inácio como desembocadura de um rio chamado Arévalo, sendo seus afluentes Nájera e Pamplona e sua nascente era essa mesma Loyola em que agora se encontra outra vez. O mar: o mundo! O Oceano: Deus! É na casa torre que todos esses conhecimentos serão revelados ao futuro peregrino.

O itinerário ‘pós-guerra’ pelo qual passa Íñigo, o ‘efeito Pamplona³⁹’, o conduz a expandir a ‘guerra interna’ que passa a viver em sua convalescência, isto é, no período em que “não podendo ainda manter-se firmar sobre as pernas, e assim lhe era forçoso estar na cama” [Au 5,2], já passa a ocupar-se de ter uma rotina diária de oração e leitura, de reflexão e pregação, que viria a refletir sua ‘mutação’ frente aos demais membros da família.

3.2 – As cirurgias diversamente necessárias

Duas são as guerras travadas por Íñigo nesse período: a de Pamplona e a interior. Também duas serão as cirurgias pelas quais passará Íñigo em Loyola: uma por necessidade outra por vaidade; uma por questão de saúde, outra por estética; uma essencial, outra acessória; uma na qual “a perna devia outra vez ser desmontada e os ossos postos outra vez nos seus lugares, pois assim como estavam nunca se iam curar” [Au 2,3], outra porque “a perna tinha ficado mais curta (que a outra); e ficava ali um osso tão protuberante que era uma coisa feia, o que ele não podia sofrer, pois se determinava seguir o mundo” [Au 4,1-2].

Essas cirurgias falam muito de como Inácio compreendia o mundo e o seu mundo, de como ele aprendeu a se comportar frente à dor, frente à beleza estética e à perfeição anatômica: frente a dor, nada mais fazia que “não dizer nenhuma palavra, nem mostrar outro sinal de dor que apertar muito os punhos” [Au 2,5]. Esse trecho pode ser lido como uma representação de uma educação que ainda tem seus ecos na contemporaneidade, com vozes autoritárias e repressivas, infligidas culturalmente em uma sociedade machista, que introjeta na criança a ideia que “homem, que é homem, não chora”.

³⁹ Chamamos ‘Efeito Pamplona’ ao tempo que se transcorreu até que fosse diminuindo na mente de Íñigo as dores da guerra que o incomodavam a ponto de não poder ocupar-se com outros pensamentos senão que com a dor que sentia depois de tantas cirurgias e tratamentos sofridos e que “tanto lhe martirizavam” [Au 5,1]. O término desse “Efeito Pamplona” só veio a acontecer quando “nosso Senhor foi lhe dando saúde; e se foi achando tão bom, que em todo o demais estava são” [Au 5,2].

Em um contexto de ensino aprendizagem que dessa primeira cirurgia se pode apreender, Inácio demonstra como se pode reagir de modo impassível frente à dor, como aprender com os sofrimentos infligidos e auto infligidos, e ainda como conviver com as limitações físicas e suas conseqüentes repercussões na vida concreta.

Inácio não tinha ainda aprendido a transparecer a dor e as emoções que notoriamente sentia; não sabia todavia como há momentos em que as lágrimas podem ser um instrumento reconfortante, e até terapêutico, para um aprendizado integral, de consolação humana.

Íñigo teve toda a vida para refletir e considerar sobre os sentimentos mais profundos que movem a humanidade e o modo como eles podem se expressar. Já quase no fim de sua peregrinação, ele conseguiu aplicar para si o que aprendeu sobre ‘ler’ o corpo como instrumento de sensibilidade, em momentos de aprendizados internos e relacionais, através da expressão de sensações corporais, como quando ele nos relata no seu Diário Espiritual que “teve uma grandíssima efusão de lágrimas e soluços interiores e também parecia como se notasse as veias e as partes do corpo sensivelmente” [DE 47].

Há uma profunda e surpreendente evolução pedagógica quanto ao conhecimento interno de si (e dos demais), desde o momento em que ele sofre essa primeira cirurgia, e não faz mais que cerrar os punhos em sinal de dor, até o ‘dom de lágrimas⁴⁰’, no qual ele é já capaz de expressar totalmente sua sensibilidade: o Inácio que não chora frente à dor da carnificina sofrida, cede espaço a um Inácio sensivelmente lacrimejante frente à qualquer simples pensamento sobre a existência humana e o amor de Deus em suas orações.

⁴⁰ Inácio torna-se um mestre da sensibilidade quando consegue distinguir o que se passa por sua interioridade e é capaz de descrever e classificar de modo esquemático e muito detalhado em seu Diário Espiritual o modo como lhe ocorrem as lágrimas: “Em torno às lágrimas, aparece [*em Inácio*] todo um rico mundo de matizes expressivos. As vezes as lágrimas aparecem sozinhas, acompanhando à devoção [DE 1], outras precedidas ou intuídas por um ‘mover a lacrimar’ [DE 11] ou ‘moções a lacrimar’ [DE 91], ou ‘querer lacrimar’ [98]; aparecem também acompanhadas de ‘soluços’ [DE 16], [DE 78], outras vezes aparece de ‘algum modo tênue’ (a lacrimar) [DE 81], ou ‘o suave vir algumas lágrimas aos olhos’ [DE 41], [DE 152]. As lágrimas são ‘contínuas’ [DE 94], vem ‘lentas, internas, suaves, sem estrépito’ [DE 222], são ‘intensas’ [DE 99], ‘intensíssimas’ [DE 24], ‘muito abundantes’ [DE 25], ‘tantas e em tanta abundância’ [DE 37], com ‘muita abundancia’ [DE 101], com ‘superabundância delas’ [DE 416], ou ‘muitas e mui intensas’ [DE 31] e aparecem ‘rosto abaixo’ [DE 16], ou de maneira abundante ‘pelo rosto’ [DE 32], são ‘excessivas’ [DE 36], até o ponto de ‘cobrindo-me tanto de lágrimas’ [DE 36], porque procedem de uma ‘grande efusão’ [DE 47], [DE 51], [DE 53], que às vezes ele as espera elas ‘não vinham’ [DE 49]”. García de Castro, In: Miscelánea Comillas 59 (2001), p.237.

Por outro lado, a beleza estética é um importante fator visual de comunicação de uma mensagem e o osso sobressalente na perna de Íñigo provocou uma deformidade descrita como uma “coisa feia, que ele não poderia suportar” [Au 4,2] e por isso se submete a uma segunda cirurgia.

Sim que Íñigo poderia suportar sofrer ‘carnificinas’ [Au 2,5]; sim que ele poderia passar por “dores maiores do que todas as que havia passado até então” [Au 4,3]; sim que “se determinou a martirizar-se por seu próprio gosto” [Au 4,4], isso quando já está totalmente curado [Au 4,3]; e sim que poderia “usar muitas unturas e que lhe estendessem continuamente a perna, com instrumentos que por muitos dias lhe martirizava” [Au 5, 1]. Toda essa resistência e perseverança frente à dor não é uma busca irrefletida por um sentido de beleza estética ou uma necessidade eminentemente narcisista, tão presentes na modernidade.

Inácio bem sabia que o corpo era um excelente instrumento para alcançar os objetivos que perseguia, e que este era sustentado por um bravo espírito guerreiro que o animava. O corpo até podia estar estropiado, mas a valentia que o levaria ao encontro do tão sonhado e promissor futuro não estava. Por isso que o propósito que o leva a essa segunda (aparentemente desnecessária) carnificina, não era outro senão “porque determinava seguir o mundo” [Au 4,2].

Isso significa que tudo pelo que passou Inácio nessas primeiras semanas de Loyola só alcança sentido se lido desde o ponto de vista da coerência regular que ele tinha em seguir o propósito que traçara para si anos atrás e que ainda não tinha logrado atingir. É essa coerência que o faz passar uma e outra vez por tão diversos, quantitativos e qualitativos suplícios e que nos “permite vislumbrar a força fundamental de Íñigo, sua valentia, sua determinação resoluta e sua capacidade de suportar dificuldades e sofrimentos para poder chegar à meta que se havia fixado⁴¹”.

Esse traço inato de seu caráter é que deve ser destacado em todas as cenas narradas nesse trecho da Autobiografia. No quarto em que ocorreram as cirurgias, deve-se ver ‘o filme inteiro’, o que conta toda a história, e não apenas as ‘fotos’, que revelam simples partes da narrativa completa e refletem um Íñigo obcecado pela perfeição física que anteriormente possuía. Essa sua atitude característica de perseverança e força, fruto de uma cultura e de um aprendizado, o irá acompanhar por toda a vida.

⁴¹ Meissner, 80.

3.3 – *A convalescência: entre uma heroicidade santa e uma santidade heroica.*

A imagem cristalizada do período de convalescência de Íñigo, a encontramos na estátua (sentada e, claro, imóvel) da “Capela da Conversão” da “Santa Casa de Loyola”. Contudo, a convalescência de Inácio não é uma imagem estática, nem interna, nem externamente. Internamente, ele nos apresenta como “pouco a pouco veio a conhecer a diversidade dos espíritos que se agitavam” dentro dele [Au 8,5], ação que o faz pensar por primeira vez nesses assuntos de fino trato interno e pessoal e que marcará para sempre tanto a ele quanto a sua metodologia espiritual.

Já externamente, também pouco a pouco, Íñigo divide seu tempo entre os breves passeios próximo à casa e as visitas recebidas como, por exemplo, as “de pessoas mais próximas, os capelães da Companhia de Azpeitia, Martín de Oyarzábal e Pero Fernández de Idiacaiz⁴²”.

Essa ‘dualidade complementária e informacional inaciana’ entre o saber mover-se e o saber deter-se, nos fala sobre forma, método e aprendizado integral – interno e externo, espiritual, físico e social – da vida de Inácio.

Por toda a sua vida e até esse momento, Inácio vivia sem culpas ou escrúpulos; em uma ‘religiosidade social’, própria e comum de sua cultura, de seu povo e de sua época⁴³.

Porém nos começos desses novos tempos em Loyola, Íñigo passa a questionar-se sobre esse *status quo* reinante e põe em sua vida mais uma “dualidade complementária e informacional”: como não viveu uma *heroicidade santa* [Au 1,1], agora se propõe a viver uma *santidade heroica* [Au 9,3]. Os livros recebidos, lidos e meditados o ajudarão a solidificar essa dualidade.

3.4 *O vermelho e o azul: leituras, escritas, discurso dos pensamentos e divisões didáticas no Mestre Inácio.*

Inácio, sentindo-se de todo melhor, vive uma situação de intervalo entre o voltar à realidade para ver o que será de sua vida futura e o necessário repouso que ainda tem que observar. Nesse momento, podemos considerar que Inácio deixou de fato para trás

⁴² Leturia, 128.

⁴³ Rodríguez Olaizola, 34.

as dores e decepções sofridas em Pamplona (e em Nájera, e em Arévalo) e passou a estar em um tempo neutro, um tempo de advento.

Agora parece estar Inácio de todo (corpo, mente, espírito) em Loyola, podendo portanto centrar-se no momento presente e procura descansar das batalhas reais, concretas e cruentas da vida. Esse é um momento propício para parar e pensar, para refletir e planejar. Mas, demonstrando não querer colocar todas as suas forças cognitivas em assuntos mais vitais e profundos quanto a seu futuro, e já indisposto a relembrar o passado recente, “pediu que lhe dessem alguns livros para passar o tempo” [Au 5,3] e poder se refugiar, ao menos por um tempo, nas batalhas fictícias e alegóricas narradas pelos livros de cavalarias que tanto lhe apeteçiam. Tais livros eram um modo dele desvincular-se do mundo real, sem perder de vista o tema central que o movera até ali: fama e honra conquistadas no campo de batalha.

De todas as opções que ele tinha para ‘passar o tempo,’ Inácio decide ler! Tal escolha é pertinente com o perfil que ele mesmo afirma ter, quando revela que “era muito dado a ler livros” [Au 5,3]; mas essa escolha pode parecer algo raro na visão corrente do que era um convalescente guerreiro medieval, em especial porque, até aquele momento, “nenhum dos Loyola teve inquietudes literária. Entre suas próprias irmãs, apenas uma sabia escrever seu nome: ignorância muito corrente e desculpável naqueles tempos⁴⁴”.

Os livros que pediu não eram outros senão que os “livros mundanos e falsos que se costumam chamar de Cavalaria” [Au 5,3]. Provavelmente ele já tinha decorado todas as histórias cavaleresca de Amadis de Gaula e congêneres, estórias às quais certamente ouviu, leu, aprendeu e narrou tantas e tantas vezes em Arévalo e mesmo em Nájera, isso sem necessidade de apoiar-se em livros que lhe recontassem o que já sabia de memória.

O que nos sugere esse o trecho seguinte da Autobiografia é que havia em Íñigo uma predileção pelo modelo literário “cavalaria”, mas ele não apresentava uma fixação quanto a entreter-se lendo apenas e absolutamente esse tema, pois “não se achando naquela casa nenhum dos que ele costumava ler, lhe deram um ‘*Vita Christi*’ e um livro da vida dos santos em romance” [Au 5,4]. Inácio os aceita e, nessa aceitação, verifica-se, portanto, que o interesse de Inácio não era exclusivamente nos livros de cavalaria em

⁴⁴ Arteché, 58.

si, senão no ato da leitura como uma forma de entreter-se ao mesmo tempo que sentiria o mundo nela contido!

Não fosse assim, e Inácio polidamente rejeitasse a leitura dos livros piedosos oferecidos por sua cunhada Magdalena de Araoz, três cenários poderiam ter acontecido⁴⁵:

01) Inácio, na ausência dos ditos livros de cavalaria, buscaria outros modos de distrair-se, sem sair da temática que mais lhe falava ao coração: as batalhas. Ele mesmo poderia ter narrado várias histórias aos sobrinhos e vizinhos, que eram bem menos letrados e eloquentes que Íñigo. Tais histórias de cavalaria, que ele sempre leu e amou, acabariam por torna-lo o herói daquele pequeno grupo de ouvintes e o centro das atenções de uma plateia contagiada; poderia, inclusive, narrar seus próprios feitos: as guerras que participou e como saiu delas vitorioso, com honra e fama; para encantar ainda mais as donzelas que se assomariam à casa a pretexto de conferenciarem com Madalena, mas que na verdade viriam ver-lhe, Inácio poderia discorrer sobre os bailes e festas na agitada vida social da qual viviam os palácios que frequentou; ou ainda, poderia recolher da memória e compartilhar amistosamente os dias de sua infância naquela mesma terra, às margens daquele mesmo rio Urola, ao receber a visita de seus colegas de brincadeiras, quando de sua infância. Enfim, temas e assuntos não faltariam para dispensar a leitura de livros que não tratavam do tema que havia pedido.

02) Inácio, como já vimos, era um polido diplomata e um fino negociador, e isso se aplicava não só no trato com os inimigos ou com os correligionários nas batalhas que travava, pois ele era também capaz de atuar nobre e regiamente nas situações corriqueiras, principalmente não estando em ‘seus domínios’, já que estava na casa do senhor de Loyola; consciente disso, facilmente conseguiria tratar com familiaridade, mas também com certa vassalagem, a sua cunhada, Magdalena que era quem de fato estava sempre presente na Casa-Torre. Assim que no diálogo que poderia ter travado com sua cunhada, Inácio, não ousando declinar da oferta por parecer indelicado, aceitaria por educação os livros e leituras por ela oferecidos, mesmo que eles estivessem fora da sua área de interesse. Contudo, não os leria, nem sequer os abriria, deixando-os a vista, mas sem tocar neles. Se, em algum momento, Madalena, por educação mais que

⁴⁵ A exposição de tais cenários, além de representar um esforço imaginativo para compor lugares possíveis às narrativas factíveis, é também a tentativa de colocar ainda mais força, razão, importância e valor nos fatos tais como aconteceram e foram narrados na Autobiografia.

por interesse pessoal, perguntasse sobre os livros, Inácio, também por educação, poderia dizer: – São lindos, principalmente a confecção da capa com a “gravação dos nossos Reis, Isabel e Fernando, sentados no trono⁴⁶” e com isso, sem dizer que não os havia lido, continuaria “não se apartando da verdade, pois disso tinha grande escrúpulo” [Au 12,8].

03) Caso fosse inegociável para Inácio passar o tempo ocioso em leituras e que tinham que ser de ‘cavalaria’ os livros que o ajudariam a passar o tempo, outro possível cenário, mais prático, curto e verossímil, que poder-se-ia apresentar é que “não se achando na casa os tais livros pedidos” [Au 5,4], Íñigo fizesse diligência entre os criados para que se buscasse seus próprios livros de cavalaria, principalmente o de Amadis de Gaula, e também outros de igual gênero, que foram deixados bem guardados junto com alguns de seus pertences, que acabaram por ficar no baú de seus antigos aposentos no palácio de Arévalo.

Bastaria apenas qualquer um desses três cenários, sendo tantos outros também possíveis, para mudar toda a história espiritual e pedagógica de Inácio.

Em Loyola, Íñigo apresenta em germen os traços característicos de sua formação inicial, portanto deter-nos-emos em tecer comentários, ponto a ponto, dos trechos dessa parte da Autobiografia que interessam sobremaneira ao estudo que aqui fazemos.

3.4.1 - Divisões didáticas: o ponto a ponto da leitura e reflexão no Mestre Inácio.

Na época da convalescência de Íñigo, a imprensa tipográfica ainda dava seus primeiros passos e, por isso, os livros no mundo secular estavam mais para uma peça artística a ser luxuosamente exibida em alguma estante principal da casa que para um material a ser folheado, lido e estudado.

Os livros que Inácio recebeu de sua cunhada provavelmente foram um presente de casamento, recebido por Magdalena em suas Bodas com Martín, da parte de algum membro da corte pois ela, em sua juventude, foi dama de honra da Rainha⁴⁷.

⁴⁶ García Mateo, 52.

⁴⁷ Quanto a esse tema, veja-se: 01) o estudo “Los libros de la Reina”, in “Años juveniles de S. Ignacio en Arévalo (1506-1517)” por Jesus Iturrioz, SJ. Manresa, vol. 53 e 02) O artigo de García-Mateo sobre “La ‘Gran Mutación’ de Íñigo a la luz del *Vita Christi* Cartujano”. In: “Ignacio de Loyola, su espiritualidad e su mundo cultural (Conf. Bibliografía).

A dimensão pedagógico-educacional desse período ocorre no contexto concreto da entrega, aceitação e leitura, reflexão dos livros ‘*Vita Christi*’ e ‘*Flos Sanctorum*’. Esse é o ponto de partida para a sinalização de cunho didático-metodológicas, no tocante às relações imediatas que viveu o ‘Inácio leitor’ com os livros em si. Algo que merece ser também ressaltado e comentado nesse contexto, e que reflete quanto

Tanto Santa Teresa de Ávila⁴⁸ quanto Francisco de Osuna, outro grande místico do século XVI, “leem e o recomendam o *Vita Christi*⁴⁹”. Já Inácio, no que viria a ser um dos traços do seu perfil, apropria-se do material, mas não há notícias de que ele o tenha recomendado como leitura piedosa e sã. A pedagogia de Inácio já começa a se demonstrar mais voltada a valorizar a experiência pessoal profunda e personalizada em detrimento do instrumento que serviu de canal para que o aprendente chegasse a tal experiência de (auto)aprendizado.

Possivelmente ele já começava a intuir que a experiência mística é pessoal e irrepetível e que se quiser comunicar o que está vivendo, terá que fazê-lo de um modo distinto, ou seja, ele não colocar tanta ênfase no recurso que serviu de apoio ao aprendizado (nesse caso, um livro), mas sim no processo (interno) e no método (externo) em que tal aprendizado ocorreu.

O que faz Íñigo nesse seu tempo de mutação portanto é ‘apenas’ aprender, meditar e guardar no coração todas essas coisas, (Lucas 2,19) onde começava a sentir a agitação de espíritos que lhe movia, e com isso já se satisfazia, sem pensar em anunciar aos demais essa nova vida que começava. A aprendizagem vital profunda é sempre processual.

Inácio leu a original expressão “jesuítas” em sua convalescência e ficará guardado no campo do mistério o quanto ele se lembrou dela nos anos seguintes até que essa consigna fosse a designação dos membros da Ordem que ainda não sonhava em fundar, também no campo do mistério ficará o modo como tal expressão lhe acompanhou até significar uma nova ordem na Vida Religiosa Consagrada.

⁴⁸ Quanto as distintas místicas vividas e testemunhadas em um mesmo contexto (a Espanha do século XVI) por Inácio e por Teresa, uma consideração oportuna diz respeito às ‘fontes’ onde esses dois grandes santos se alimentaram: Santa Teresa extasiou-se com o Cântico dos Cânticos e Inácio com o Evangelhos; Teresa deixou-se possuir pelo amor ao seu amado, Inácio desejou com todo seu entendimento seguir o Mestre de Nazaré, o Filho de Deus e de Maria, pelas praças e vilas, nos caminhos que seus pés pudessem chegar; Teresa amou com um amor sponsal, Inácio com um amor serviçal; Teresa, uma mística, Inácio, também.

⁴⁹ García Mateo, 52.

Os dois livros recebidos por Inácio representam, no campo simbólico, uma única história: uma história relacional entre o Cristo de Deus, no modo como Sua vida é apresentada, e Seus santos, que agem conforme entenderam a missão recebida por parte desse mesmo Cristo.

Inácio valoriza as duas faces desse mesmo rio: o valor dos exemplos da vida de Cristo e coragem dos santos em segui-Lo. Ainda assim, Inácio tratou cada parte dessa história de forma distinta: compilou, para um conhecimento interno e regrado, o que está no *Vita Christi* e gastou horas sem fim deleitando-se mentalmente no que faria para imitar as ações de alguns dos mais célebres santos da Igreja, cujas façanhas estão no “Flos Sanctorum”. Nesse processo de assimilação, o Espírito aquece Inácio como o Sol aquece o dia e os livros iluminam Inácio como a lua ilumina a noite.

A relação metodológica de Inácio com o livro *Vita Christi* é de uma abordagem de “aproximação teórica”: lê, observa, classifica, ficha, resume... mas não pensa em aplica-lo imediatamente à própria vida. A importância dada por Inácio ao *Vita Christi* tem características de método analítico, juntamente ao olhar reverencial, que dá a tônica de contemplação do texto.

Com o livro *Flos Sanctorum* ocorre uma abordagem distinta, a de “leitura empírica” do texto: “Se eles fizeram eu hei de fazer” [Au 7,4]. O fazer é a tônica e a chave de leitura que utiliza Ínigo nesse segundo material. Há nessa dupla apresentação de abordagens de leitura um fator identitário do modelo inaciano de compreensão da realidade e leitura do mundo, qual seja, tudo pode ser colocado sob dois (ou mais) prismas, sem perder a essência vital que os une: contemplação e ação; amar e servir; fé e obras; trabalhar e confiar etc.

Nesse primeiro momento, Ínigo tem um olhar de seguimento apenas para os santos e não para o Cristo, porém, em sua evolução até o que é central na experiência pessoal e mística e embasado em sua própria vivência, Inácio aconselhará ao exercitante que ele deseje e peça um “conhecimento interno do Senhor que por mim se fez homem, para que mais o ame e o siga” [EE 104].

Nisso consiste uma das ‘conversões’ de Inácio, a da mudança de olhar, a de recolocação de prioridades. Nesse momento original, primeiro veio até ele o desejo de imitar os santos, num segundo momento e já por toda a vida, será o seguimento de Cristo que o moverá a seguir seu projeto de vida.

Ao abrir esses livros, Início é remetido a um novo mundo. Aqui trabalham duas forças: a capacidade de envio a outros lugares e tempos, que só os livros têm a facilidade de fazer; e o poder da imaginação da qual era dotado o futuro peregrino.

A imaginação⁵⁰ é um importante recurso didático e uma forte ferramenta pedagógica que acaba sendo menosprezada e subutilizada na aquisição e interpretação do conhecimento, uma vez que o ‘raciocínio lógico’ é quem parece ditar as normas acadêmicas e escolares, relegando a imaginação e seus frutos a um fictício plano inferior, como ‘coisa de criança’ e ‘mais própria para passar o tempo que para construir informação e trabalhar a inteligência’.

Parece ser de senso comum que a imaginação até pode ser aceita nas primeiras séries escolares, mas mesmo nesse âmbito, ela vai sendo cada vez mais podada e discriminada a ponto de se inculcar processualmente nos estudantes que ela não convém nem cabe na vida adulta madura e responsável.

Dessa potência imaginativa, sabemos que Inácio era particularmente dotado e no tocante aos processos cognitivos-imaginativos de Inácio é de singular importância o fato dele não utilizá-la, mas recomendá-la como um exercício mental para ajudar no entendimento dos mecanismos internos do conhecimento e na localização do ser no mundo, vendo com os olhos da imaginação [EE 47].

Inácio era “ajudado por uma surpreendente imaginação, que se projetava até uma identificação com os modelos fantásticos apresentados como protagonistas dos excitantes livros de cavalaria⁵¹”. Essa afirmação faz plantear outra ideia: a de que os livros da vida dos santos começam a mudar a Inácio, da mesma forma que os livros de cavalaria compuseram seu mundo e foram seu guia para a vida até então.

Assim se pode afirmar que o desejo intelectual de Inácio, referendado pelos livros que lia, aportavam não poucas confirmações ao seu modo de proceder presente e futuro. Isso porque ele já estava acostumado a apoiar-se em livros para ser ajudado nos ditames da sua história pessoal e nas encruzilhadas dos caminhos por que passou.

Desde essa intuição e estilo de basear-se no que está escrito para dar razão e razão as suas atitudes, não será difícil, na verdade será até natural, que os Evangelhos de

⁵⁰ Sobre esse tema, P-H. Kolvenbach dedica um capítulo de seu livro ‘Decir... al Indecible’ para falar sobre “Imágenes e imaginación en los Ejercicios Espirituales” (pp.47-61).

⁵¹ Tellechea, 82.

Cristo se tornem para Íñigo o “Livro dos livros”, por apresentar um modelo de vida infalível a ser seguido e imitado como ele sempre buscou e desejou encontrar nos livros de cavalaria e na vida concreta.

3.4.2 – Divisões didáticas: o ponto a ponto da Escrita em Mestre Inácio.

Se eram escassos os livros, também eram escassos os leitores, o que faziam dos escritores (e copiadores) seres privilegiados por nobres e reis. Esses dados ressaltam ainda mais o perfil do Inácio aprendente e ensinante, pois ele, além de “gostar muito de ler livros” [Au 5, 3], também “tinha boa letra por ser um escrivão muito bom” [Au 11,4].

Em Inácio, a leitura dessa literatura piedosa foi um convite aberto à escrita. Ainda não era uma escrita autoral, a que vai empreender Íñigo, mas algo de sabedoria já se faz revelar em alguém que não apenas lê, mas quer também guardar consigo o essencial, quer resumir o que para ele importa de fato, quer discernir (separar) o fulcral do accidental.

A sequência contida em [Au 11] apresenta três momentos distintos e uma mesma intenção. Primeiro momento: tempo em que tinha conversas espirituais com os de casa e fazia proveito a suas almas [Au 11,1]. Segundo momento: descrição do modo como Inácio compilou o livro que estava lendo [Au 11, 2-5]. Terceiro momento: narra como Inácio pensava em seus propósitos, contemplando as estrelas [Au 11,6-7]. A intenção que parece sobressair nesse trecho é referendar uma correlação entre apostolado (conversa com os demais), estudos (tempo gasto em escrever) e oração (meditava sobre seus propósitos). Pela delimitação do objeto da presente pesquisa, ater-nos-emos apenas ao segundo momento – o tempo de ‘estudos’ e escrituras –, seccionando-os em quatro extratos.

Extrato 1/4:

“E gostando muito daqueles livros, veio-lhe o pensamento de tirar deles um resumo das coisas mais essenciais da vida de Cristo e dos santos [Au 11,2].

Inácio já gostava dos livros de cavalaria e agora coloca em sua lista de preferências também livros que em princípio segue uma linha temática distinta da que ele está acostumado. Foram anos lendo e saboreando livros sobre guerras e

conquistas (tanto as cruentas como as amorosas), mas bastou não mais que poucos meses para que Íñigo passasse a “gostar muito daqueles livros” novos.

O olhar, o pensamento e as atitudes de Inácio eram quase os mesmos que antes de que aqueles livros fizessem parte de seu universo particular, por isso ele abriu cada palavra e cada frase dos livros que recebeu com a única chave de leitura que possuía até então: a chave da aventura e do desafio. Essa chave foi a grande protagonista dessa sua nova predileção do Inácio mestre aprendiz.

Como agora sua vida goza de momentos de passiva expectativa, os verbos utilizados vão traduzir essa sua conversão e estar também eles em voz passiva; ele não arrisca dizer que pensou em algo, mas relata que tal coisa ‘veio-lhe ao pensamento’ e então, parecendo ser bom o que lhe veio à mente, passa assim a agir.

Para fazer o resumo a que se propôs, Inácio utilizou um crivo que servirá de critério para toda sua vida desde então: ele retira dos textos ‘as coisas mais essenciais’. Nesse momento, dois elementos põem-se em ‘dualidade complementar informacional’: a objetividade do ato de resumir um texto (ficar apenas com o que mais importa) e a subjetividade de ser ele mesmo, Inácio, o referente para destacar o que de fato é o essencial a ser colocado no resumo.

Extrato 2/4:

E assim, pôs-se a escrever um livro com muita diligência, porque já começava a levantar-se e a andar pela casa. [O livro teve quase 300 páginas, todas escritas em quarto] [Au 11,3a].

Se havia algum livro que de fato interessava aos homens daquela época e lugar, esse livro não continha tanto letras senão números. Os livros de contas eram um verdadeiro tesouro quase tão valioso quanto as quantias que ele registrava. No testamento⁵² de Martín de Loyola, não há registro de outro livro que não seja seu livro de contas, “o único livro que carinhosa e reiteradamente menciona [em seu testamento], encadernado por certo coro vermelho⁵³”. Atualmente, é através de materiais como esses que se pode, com certa segurança, recompor a história através dos gastos realizados, de seus destinatários e de por que ocorreram⁵⁴.

⁵² Recorrer ao registro em testamentos é um modo seguro de refazer os passos da história e poder pesquisar com certo grau de segurança sobre o estilo de vida, as realizações e as perdas de personagens históricos.

⁵³ Leturia, 135.

⁵⁴ Esse é outro modo seguro para buscar dados da vida de personagens históricos como Inácio e poder pesquisar fatos sobre os acontecimentos e reverberações dos lugares pelos quais ele passou como, por exemplo, Pamplona. García Hernán vai buscar nas contas de Juan Rena (em seus livros caixa) os dados sobre pagamentos realizados no período das batalhas de Navarra e desde aí extrair informações para sua pesquisa de seu livro sobre Inácio (Op. Cit.). Esse autor, para compor a biografia do santo de Loyola, utilizou-se desse método em dez momentos, nas páginas em que cita o livro de contas de Juan Rena: 51,82,84, 87,89,92, 93,95,96,98.

Por ser ajudante e estar a serviço do Contador do Reino de Castilla, Don Juan Velazquéz de Cuéllar⁵⁵, em matéria de escrita, Inácio parecia estar mais familiarizado com os números que com as letras. Inclusive, seu irmão Martín, parece que o consultava a Inácio “e se havia valido mais de uma vez dos muitos conhecimentos dele para resolver seus próprios assuntos⁵⁶”. Assim que pode-se supor se valiam de Íñigo os que tinha um trato familiar com ele, que era da ‘casa’ do Contador Mor do Reino, também em questões financeiras (contas, valores e números).

Mesmo assim, é ‘com muita diligência’ que Inácio escreve um ‘resumo’ de trezentas páginas sobre os livros *Flos Sanctorum* e *Vita Christi*. Analisando friamente, há duas possibilidades para que um ‘resumo’ chegue a conter *trezentas páginas*: ou os escritos a serem resumidos eram imensamente maiores em números de páginas do que o que deles foi compilado ou o resumo não foi tão ‘resumido’ assim e as ‘coisas essenciais’ se multiplicaram afetiva e efetivamente a ponto de quase ser reescrito todo o material.

Extrato 3/4:

Escrevia as palavras de Cristo com tinta vermelha e as de Nossa Senhora com tinta azul. O papel era liso e com linhas, e a letra bonita, porque escrevia muito bem [Au 11,3b-4]

É quase impossível saber com precisão quais foram os trechos que Inácio ressaltou dos livros que resumiu, pois tal livro-resumo se perdeu no tempo e em sua Autobiografia ele não faz menção das “coisas essenciais” que destacou. Mas, mesmo trinta anos depois desses acontecimentos, sua memória está intacta a ponto de relembra minuciosamente os pormenores dos instrumentos utilizados: como era o papel, quais as cores das tintas, como era o seu tipo de letra.

Já que todo o texto tem como linha norteadora o relato autobiográfico sobre como Deus foi conduzindo Inácio até ele encontrar os primeiros companheiros e fundar a Companhia, seria natural que, nesse ponto da [Au 11], o relato se enfronhasse em momentos do resumo feito por Inácio, trechos que ele ressaltou à época como algo essencial a saber sobre Cristo e os seus santos.

Porém, o que de fato apareceu no relato foram os instrumentos utilizados (papel, tinta, letra) como recursos e ferramentas do que o conteúdo que foi resumido! Na relação entre conteúdo e forma, entre a matéria e os instrumentos, entre o que foi escrito e os recursos metodológicos, Inácio prefere ressaltar os objetos que o ajudaram a resumir a experiência do novo conhecimento que estava adquirindo.

Essa preferência ajuda a ressaltar a importância do método e dos instrumentos a serem utilizados quando o conteúdo já está seguramente

⁵⁵ Iturrioz, 47.

⁵⁶ Idem, 65.

delimitado. Ao começar a escrever seu resumo, ele já possuía o referencial teórico do trabalho a que se propôs. Em uma alusão alegórica, pode-se dizer que esse livro em branco no qual Inácio está resumindo a vida de Cristo e dos Seus santos, é uma referência a sua vida futura. Ele retoma para si a pena, as tintas, o papel e a vontade de escrever seu futuro por si mesmo, ajudado por seu novo Senhor e tomando-O como base para suas novas ações e reforma de vida.

Extrato 4/4:

“Parte do tempo gastava-o a escrever, outra parte na oração.” [Au 11,5].

Inácio, já nesse primeiro tempo, fazia uma distinção didática e conceitual importantíssima para sua mística posterior: ele fazia a distinção entre seus tempos de oração e seus momentos de escritura condensada do texto rezado.

Não era tudo igual para Íñigo: uma coisa era a atividade orante e afetiva, outra a atividade escrita e intelectualizada, essa é uma

“Interessante separação entre oração e escritura! Não é preciso compreender que se tratava mais de que uma duração espiritual, e sim a separação de uma oração que é ao mesmo tempo passividade sob a ação de Deus e esforço humano para reter e expressar o que se revela como essencial? Nesse sentido as indicações pedagógicas que encontramos nos Exercícios [118] são de grande alcance: ‘notando sempre algumas partes principais’, vindo a ser essa passagem o ponto de partida de um novo diálogo com Deus” (Giuliani, 19).

3.4.3 – Divisões didáticas: o ponto a ponto no discurso dos pensamentos do Mestre Inácio.

“Lendo-os muitas vezes, algum tanto se ia afeiçoando ao que ali encontrava escrito. Mas, parando de os ler, algumas vezes ficava a pensar nas coisas que tinha lido, e outras vezes pensava nas coisas do mundo nas quais costumava pensar antes⁵⁷” [Au 6, 1-2].

⁵⁷ Para não incorrerem em choques de tradução nas análises que faremos, escolhemos o texto da Autobiografia na versão em Língua Portuguesa, realizada por António José Coelho, S.J. (Conf. Bibliografia) contudo, manteremos a numeração feita por Rambla no livro “El Peregrino”, anteriormente citado. Para uma melhor averiguação de que verbos são mais próprios de Inácio e quais têm mais influência de Pe. Câmara na Au, um bom recurso pode ser compará-los à luz da Concordância Inaciana, trabalho que daria margem a uma extensão oportuna, mas indesejada no momento, quanto à presente pesquisa.

Seguindo a ordem direta do discurso, Inácio nos apresenta os verbos⁵⁸: ler, afeiçoar, encontrar, parar, ficar, pensar, costumar.

Ao mescla verbos que derivam do campo semântico que engloba o aprendizado cognitivo (ler, pensar) com verbos de âmbito mais afetivo (afeiçoar, encontrar, costumar), Inácio nos involucra em uma nova “dualidade complementária e informacional”, ou seja, ações que se encontram em campos tão distintos como sejam o do pensamento e o da afeição, acabam por se integrar no processo de entendimento axial dessa nova leitura de mundo que o futuro peregrino emprega para exprimir-se adequadamente e relatar de modo fidedigno sua vivencia e seu aprendizado.

Inácio é alguém que pensa e é também alguém que sente! É alguém que se afeiçoa, não aos livros em si, posto que não os levará fisicamente consigo na sua vida futura, mas à mensagem que deles extrai. Ele começa a querer se entregar à mensagem lida de um modo personalizado e íntimo, sem outros observadores a não ser as estrelas que pululam em sua janela em noites quentes⁵⁹, e sem outro interlocutor que o murmuro da chuva caindo no Urola em dias frios.

Porém se refizemos a ordem dessas ações, levando em consideração a quantidade de vezes que esses verbos (e suas derivações) aparecem, temos outro conjunto, outros critérios, outro olhar, a saber: ler (aparece três vezes); pensar (aparece duas vezes); afeiçoar, costumar, encontrar, ficar, parar (aparecem uma vez).

Essa outra categorização (quantitativa) não necessariamente indica que o que aparece mais vezes é o mais importante, mas o fato de haver uma repetição de palavras em quantidade triplicada em relação a maioria das demais palavras nos leva a crer que há indícios de uma intenção própria e de uma simbologia velada.

Nessa nova relação, percebe-se que há um minguante entre as palavras mais “investigativas” que mais se repetem e aparecem mais vezes (ler, pensar) e as palavras

⁵⁸ A norma culta da Língua Portuguesa diz que o verbo é um elemento gramatical de primeira grandeza ao qual se deve pôr muita atenção para inteligibilidade do discurso. Assim, comentaremos primeiro os verbos que aparecem nos trechos selecionados, destacando-os em cada sentença já que eles apresentam a ação que está ocorrendo no momento da narrativa. De um modo analítico, a posteriori, apresentaremos reflexões didático-pedagógicas das locuções verbais presentes no texto, que serão secundadas por análises metodológicas quanto ao contexto em que tais locuções aparecem.

⁵⁹ Inacio guardou por toda vida o costume de ler, escrever e rezar também pela noite, conforme o registro em seu Diário Espiritual nos dias 04, 09, 10,16, 18, 19 de fevereiro de 1544 e também em 06, 09 e 12 de março de 1544. (Conf. Thió de Pol. Apêndice III. p. 246)

mais “sentimentais”, dispostas singular e pulverizadamente no texto (afeiçoar, costumar, encontrar, ficar, parar). Nisso há um paralelo com o momento de Inácio, que lia muito para passar o tempo e que não se fixava nos sentimentos que lhe ocorriam quando da leitura, até o momento em que “se lhe abriram um pouco mais os olhos [Au 8,4] e percebeu a diversidade de sentimentos presentes nessa ação.

Condensando esses dois “blocos ativos” (pensamentos e sentimentos), e aplicando-os ao perfil do Inácio convalescente, podemos dizer que ele era alguém que ‘lia’ e ‘pensava’, para se ‘afeiçoar’ e se ‘encontrar’, tendo para isso que aprender a ‘parar’ e ‘ficar’, ou seja, ele era alguém que estava voltando a ser no mundo de um modo distinto que o interior.

Ao dizer que “horas pensava em coisas que lia e horas pensava nas coisas do mundo”, Inácio nos revela mais uma de suas ‘dualidades complementárias e informacionais’. Um dos polos dessa dualidade diz respeito aos pensamentos que “costumava pensar antes”. Tal reflexão toca diretamente questões cognitivas e de linha de pensamento que interessam ao presente trabalho:

“E de muitas coisas vãs que se ofereciam, uma se apossara tanto do seu coração, que ficava logo embebido a pensar nela duas, três ou quatro horas sem se dar conta, imaginando o que havia de fazer em serviço de uma senhora, os meios que usaria para poder ir à terra onde ela estava, os motes e as palavras que lhe diria, os feitos de armas que faria ao seu serviço” [Au 6,3-4].

Verbos na ordem direta do discurso: oferecer; apossar; ficar, embeber; pensar; dar; imaginar; fazer; usar; ir; dizer.

Ao chegar no trecho que nos reporta a um sonho amoroso de Inácio, os verbos de reflexão quase desaparecem (“pensar” – que era abundante no trecho anterior – agora só está presente uma única vez!) e ganham a força plástica do movimento, como por exemplo no verbo que alude à paixão e força: apossar; e no verbo em que figura a doação e a entrega total: embeber. Estamos diante de um Inácio a quem o mundo prometia tudo e a quem o pensamento se lhe oferece “muitas coisas”⁶⁰.

Dessas ‘tantas coisas’ se destaca uma em especial, coisa do coração, e aqui a capacidade de seleção e recordação do vivido por Inácio em relação aos seus

⁶⁰ “Marta, Marta! Você se preocupa e anda agitada com muitas coisas...” (Lucas 10,41)

sentimentos não deixam espaço para dúvidas nos estudiosos que vacilam em afirmar outras informações dadas pelo Peregrino na Autobiografia como, por exemplo, questões que envolvem datas e a marcação do tempo de acontecimentos histórico de um modo geral. A memória de Inácio para as ações que envolvem sentimento parece estar intacta!

Sigamos a sequência feita por Inácio nessa parte da Au. e reflitamos sobre a didática presente na ordem apresentada para narrar o fato a Câmara. Íñigo era alguém capaz de passar horas envolvidos ininterruptamente com um pensamento! Tal nível de raciocínio e tal disposição em utilizá-lo só se pode explicar afirmado a alta capacidade mental de que era dotado o Peregrino.

O grande instrumento que ele utilizava para ficar “embebido a pensar nela duas, três ou quatro horas sem se dar conta” era a *imaginação*. Já tivemos a oportunidade de abordar a imaginação como ferramenta pedagógica, de um modo geral e pragmático, portanto, passemos agora a referendá-la como um motivador interno que pode facilitar o raciocínio a produzir realidades etéreas, através da questão: havia matéria para passar Inácio *horas* “embebido” em tais pensamentos “sem se dar conta” de nada, nem mesmo do passar do tempo? E, caso houvesse tal matéria, como utilizava ele a sua imaginação para ‘aplicar os cinco sentidos’⁶¹ – visão, olfato, paladar, audição e tato – à matéria selecionada? Eis algumas possíveis respostas:

a) *Era com a imaginação que Inácio ‘via’ – visão – o que “haveria de fazer em serviço de uma senhora”.*

O fazer, a prática, é a indissolúvel e matricial orientação de Inácio para “atingir o fim para o qual se sente criado” [EE 23]. Sabia que tinha que servir (outra de suas matrizes existenciais), pois a inação não faz parte do arquétipo que utiliza para ser no mundo.

b) *Era com a imaginação que Inácio considerava “os meios que usaria para poder ir à terra onde ela estava...”*

⁶¹ Além de aplicar os sentidos espirituais, há também a atividade de ‘aplicar os sentidos da imaginação’ às contemplações feitas como sendo uma das características de Inácio no livro dos Exercícios Espirituais. Em tal atividade, o exercitante é convidado a: “ver as pessoas, como o olhar da imaginação...” [EE 122]; “aplicar o ouvido ao que falam ou podem falar...” [EE 123]; com o olfato e com o paladar, sentir e saborear...” [EE 124]; “Com o tato, tocar, por exemplo, abraçar e beijar os lugares onde as mesmas pessoas pisam e sentam...” [EE 125]. Aplicaremos esse mesmo ‘método contemplativo-ativo’ ao texto da Autobiografia em que a palavra de conexão com os Exercícios é ‘imaginação’. O que Inácio pede ao exercitante para imaginar nos exercícios é o que ele mesmo imaginou originalmente, por exemplo, em momentos como o descrito e comentado a seguir sobre a dama dos seus sonhos.

...sentido, pelos caminhos que percorreria, os suaves odores das flores nos campos – olfato – e os suculentos sabores das frutas recém colhidas nas árvores – paladar. E “considerando nesse caminho o comprimento, a largura, se é plano ou se segue por vales e encostas” [EE 112] e, ao chegar à casa ou palácio onde estava sua dama, “olhar também o lugar, se grande ou pequeno, baixo ou alto, e como estava arrumado” [EE 112].

c) *Era com a imaginação que Inácio se ‘ouvia’ – audição – organizando os motes e as palavras que lhe diria”.*

O Inácio escritor logo surgirá em nosso estudo, assim que, de momento, detenhamo-nos apenas na ideia de Inácio em ser ele mesmo o menestrel que escreveria as coplas que haveria de recitar, sem pedir a ninguém que as compusesse, decorando e declamando os seus mais belos versos, produzidos ou aprendidos, ao ouvido de sua amada.

d) *Era, enfim, com a imaginação que Inácio ‘sentia na pele’ – tato – os feitos de armas que faria ao seu serviço”.*

Sabemos, com base nos estudos do capítulo anterior sobre Pamplona, que Inácio era possuidor do dom da palavra, com a mais convincente oratória, e do dom da bravura, lutando batalhas já perdidas. Desse modo, Inácio não poderia se contentar apenas em discorrer com sua imaginação versos para sua amada: era imperativo para ele também demonstrar que era digno de ser correspondido no amor que sentia e, para isso, teria que saber defender-se (e a sua dama) dos ataques de seus inimigos. Isso tinha aprendido na ‘escola de cavalaria’; e era esse aprendizado que o definia, por isso tinha que praticá-lo, mesmo que fosse apenas em sua cabeça, em seus pensamentos, em sua imaginação.

Todos esses ‘fatos’ aconteceram, ao menos uma vez e de forma idealizada, na prodigiosa mente do futuro peregrino.

No decorrer desses primeiros pensamentos, outros mais altaneiros se interpunham, combatiam e se intercalavam a esses. Ao refletirmos criticamente sobre os próximos movimentos mentais de Inácio, vejamos que lições didáticas e que proveitos pedagógicos podemos averiguar na continuidade do texto autobiográfico nº 07 que

apresenta como verbos do discurso, em ordem direta: socorrer, suceder, nascer, ler (aparece duas vezes), parar, pensar, raciocinar, fazer (aparece dez vezes), discorrer (aparece duas vezes), achar, propor, parecer, encontrar, terminar, dizer, durar, intrometer, aparecer, mencionar, deter (aparece duas vezes), durar, voltar, desejar, oferecer, sentir, deixar, ocupar.

No decorrer dessa narrativa a intenção e o pensamento que domina Inácio é o ‘fazer’, a práxis, que aparece nada menos que dez vezes em detrimento das segundas palavras mais mencionadas (ler, discorrer, deter) que só aparecem duas vezes cada uma!

Volta então Inácio à prática que estava presente na análise do trecho anterior, só que agora com ainda mais intensidade, com a entrega que o caracteriza. Porém o objeto e o objetivo da ação são reconfigurados. O objeto passa das ações em favor de uma Dama para ações vividas pelos Santos. O objetivo passa de ganhar fama, honra e amor, para ganhar sofrimentos e humilhações.

Contudo, os resultados a serem obtidos ficam inalterados: continuar demonstrando-se valente e guerreiro; com uma das ‘dualidades complementárias informacionais’ já mencionadas anteriormente: a relação entre a heroicidade santa que não viveu e a santidade heroica que quer viver.

Mesmo estando em uma luta interna, Inácio não a representa em forma de verbos de conflito, antes são apresentados verbos muito ponderados e sem margem a leituras que insinuem alguma belicosidade.

Chega-se mesmo a alcançar certas expressões poéticas, como quando diz que *“alguns pensamentos nasciam das coisas que lia”* [Au 7,1], ou seja, a leitura era mãe do pensamento que ele com ela gerava. Como em uma atividade própria da maiêutica socrática, e como que em dores de parto (Romanos 8,22), Inácio fazia nascer o pensamento, acalentando-o e alimentando-o até que atingisse a maturidade e o tempo de ir ao mundo!

Se no trecho anterior Inácio menciona diversas vezes que “pensava”, nesse novo momento ele diz que “parava, pensava e raciocinava consigo mesmo” e com isso acaba por ratificar, completar e aprimorar o complexo processo de inteligência a que se dispõem. Agora três tempos são necessários para fixar as lições que está tendo: tempo de parar, tempo de pensar, tempo de raciocinar.

Em uma análise tópica e não conjuntural, esse mesmo trecho [Au 7] apresenta subdivisões importantes para o entendimento do processo de aprendizagem de Íñigo nesse tempo de sua convalescência em Loyola. Nele há três extratos que podem ajudar na análise do intelecto de Inácio e sua relação com modelos cognitivos de aprendizagem.

Extrato 1/3:

“Contudo, nosso Senhor o socorria, fazendo com que a estes pensamentos sucedessem outros que nasciam das coisas que lia. Porque, ao ler a vida de nosso Senhor e dos santos, parava a pensar, raciocinando consigo próprio: – E se eu fizesse aquilo que fez S. Francisco e aquilo que fez S. Domingos?” [Au 7, 1-2].

Os santos mencionados na leitura feita, Inácio como que os torna seus professores e modelos: ‘se eles fizeram eu também hei de fazer’! Se seus mestres eram os santos a quem imitar; o diretor era deus mesmo; a sala de aula, sua cabeça (sua mente); a matéria, sua vida; a metodologia, a imaginação; os livros o *Vita Christi* e o *Flos Sanctorum*. Atividades imaginativas como essa seguiram a Inácio pelo menos até o seu tempo de estudante no Colégio de Montaigú de Paris, local em que ele que o mestre era Cristo e que os alunos eram os apóstolos [Au 75,1-2].

Tal promessa de seguimento da vida dos santos não foi em balde, pois Íñigo era um homem de palavra, alguém para quem “sim é sim e não é não” (Mateus 5,37). E, já tendo ele se comprometido interiormente com a proposta de “fazer todos os rigores que *via* que os santos tinham feito” [Au 8,2], o que o separaria dessa promessa? “A tribulação? A angústia? A perseguição? A fome? A nudez? O perigo? A espada?” Em todas essas coisas Inácio “foi mais que vencedor”, pois voluntariamente sofreu todos esses riscos para achar o em si mesmo “o Amor de Deus, manifestado em Cristo, nosso Senhor⁶²”!

Na contínua e necessária relação coerente e conseqüente entre teoria e prática, entre intenção e atitude, entre o querer e o fazer, entre a intuição e concreção, Inácio vai revelar-se também nisso um mestre, um grande professor, pois sabia o que estava

⁶² Romanos 8, 35-37. São Paulo será uma grande referência na vida de Inácio. Conf. por exemplo o exposto no artigo de García Mateo, intitulado “San Ignacio de Loyola y San Pablo”. Revista Gregorianum, nº 78. Ano 1997, pp. 523-544.

propondo a si mesmo, sabia o que queria viver em seu futuro de Loyola em diante e foram os livros lidos que lhe havia proporcionado esse conhecimento e esse desejo!

“Um anacoreta, maltrapilho e semelhante a uma fera selvagem pelas enormes unhas que possuía; com os cabelos tão longos que lhe cobriam quase todo o corpo e que muito sofreu quando a vangloria desse mundo menosprezou [Au 19, 1-3]; fez muitos jejuns e abstinências, chegando ao ponto de não comer mais que pães e frutos secos, que mesclava com folhas e ervas [Au 12,1]; ele era alguém que lutava com o diabo, o inimigo da natureza humana [Au 19, 4-5] e que quis viver em uma cova até a morte [Au 24,1], quando as hostes do Céu levaram para o Paraíso a alma desse nobre cavaleiro, cavaleiro de Deus”!

Esse relato, que remete imediatamente à experiência do Inácio Peregrino em Manresa, na verdade é uma referência ao texto escrito por Pafúncio sobre a vida de seu companheiro Santo Onofre⁶³.

Outros exemplos: “A cada noite se autoflagelava por três vezes” [Au 13,2]. “Embarcou em um navio. Quando o responsável lhe pediu o dinheiro referente à passagem, sua resposta foi que era discípulo de Jesus Cristo e que não levava consigo nem ouro, nem prata, nem dinheiro algum” [Au 35,6].

Essa poderia ser uma passagem da vida de Inácio em que ele queira colocar sua confiança apenas em Deus e em ninguém mais [Au 35,4], mas na verdade, trata-se de um momento da vida de São Domingos de Gusmão⁶⁴.

Ainda outro exemplo: “... por ter passado todo o tempo de sua juventude em vaidades do mundo [Au 1,1], decidiu ir em peregrinação até Roma [Au 36,6] e indo a Roma em romaria deixou suas vestes e tomou outra de um homem pobre [Au 18,1] e esteve na Igreja de São Pedro entre os pobres.”

Esse não se trata de um relato da vida de Santo Inácio de Loyola, mas da vida de Francisco de Assis⁶⁵, presente no livro *Flos Sanctorum*, lido por Inácio.

Esses três preclaros exemplos servem de modelo e ratificação do modo como Inácio transformava em vida (na própria vida) e em respiro o que antes era letra e palavra! Essas são algumas mostras da coerência de Inácio entre o lido, o autoproposto

⁶³ García Villoslada, 167.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Ibidem.

e o vivido por ele. Lição não tão fácil de aprender e praticar (Mateus 11,29), mas imprescindível a uma vida bem vivida (João 10,10).

Extrato 2/3:

“E assim discorria por muitas coisas que achava boas, propondo-se sempre a si mesmo coisas difíceis e importantes, e ao fazê-lo parecia-lhe encontrar em si facilidade de as levar a cabo” [Au 7, 3-4].

Os valores que Inácio quer adotar para si possuem um único critério: o de serem bons. Ele começa a traçar níveis de classificações e seleção entre o que é bom e o que é mau e consegue encontrar muitos desses elementos de bondade para o novo projeto de sua vida.

A proposta que faz é primeiro a si mesmo, não coloca ninguém mais nessa experiência ainda não testada. Sente que pode levar a cabo o que planeja, mas como não tem garantias que vai funcionar não involucra ninguém para o acompanhar ou para que o ajude se necessário. Faz uma opção, que exclui todas as demais opções: não querer ser ajudado por seu passado na construção de seu futuro.

A chave de leitura da aventura ainda é a marca central nesse processo inicial de metanóia, mas agora as coisas a que se compromete viver não são apenas difíceis como eram até então, agora tem que ser também ‘coisas importantes’.

Tal reflexão significa que o vivido até então teve sua importância, mas não chegou a tocar a essência da energia vital que possui o futuro peregrino e isso o faz querer mais.

Ainda recuperando-se de ter quebrada as duas pernas, o que Inácio se propõe é caminhar, voltar a andar, continuar a rota, só que agora com outros modelos, com outro paradigma, buscando outros aprendizados.

No início do projeto ele pensa já no fim e, questionando-se e interrogando-se se vai ou não conseguir terminar o que pretende começar, “encontra facilidade” em agir de acordo com o novo modo de proceder a que se está entregando.

Ele já tem ao menos uma noção do projeto completo que se apresenta e, percebendo que vai chegar bem ao seu final, dispõe-se a começá-lo e a prosseguí-lo (Lucas 14, 28-30).

Extrato 3/3:

“Estes pensamentos duravam muito tempo, e depois de se intrometerem outras coisas, apareciam os do mundo mencionados antes, e também neles se detinha muito tempo. E esta sucessão de pensamentos tão diversos durou bastante tempo, detendo-se sempre no pensamento que voltava, quer fosse das façanhas mundanas que desejava fazer, quer outras coisas de Deus que se ofereciam à fantasia, até que sentindo-se cansado deixava tudo isso e ocupava-se de outras coisas” [Au 7, 5-7].

Há projetos e projetos, e Íñigo também é assaltado por diversas possibilidades. O diferencial então será que linha de atitudes assumir, como agir frente as propostas que se apresentam. Ambos projetos são atrativos e podem durar bastante tempo e nada garante que uma vez feita escolha fundamental ela será progressiva e regular. Os altos e baixos da vida sempre estarão presentes em qualquer projeto completo, profundo e exequível.

Um traço importante que Íñigo alerta nesse substrato é o fato de não mesclar um projeto (futuro) com a continuidade do já alcançado, do já vivido. É fundamental conhecer a sucessão de pensamentos que estão presentes nas escolhas a serem tomadas. Essa divisão pedagógica e clara das propostas é imprescindível para uma eleição bem feita.

Um aprendizado basilar diz respeito a linguagem utilizada por Inácio para expressar seu entendimento quanto ao que ocorre em seu interior: ‘as coisas de Deus que se lhe ofereciam à fantasia’. A Fantasia, a imaginação, é uma ferramenta humana que também pode ser utilizada em situações limite, em momentos cruciais de decisão vital.

Também ensina Inácio sobre saber o momento de parar, de respeitar o tempo de maturação das ideias, de permitir-se sentir o cansaço das atividades empreendidas e entregar-se a ‘outras coisas’, que também incluem o ócio criativo, o repouso recreativo e a convivência relacional humana como fonte de captação

de energia, para poder então voltar revigoradamente à continuidade da rotina diária.

3.5 – Da vida com os parentes: relações educacionais, modelos vivenciais e inevitáveis conflitos que geram crescimento.

Todos na casa sentiam a mutação de Íñigo: “Mas, tanto o seu irmão como os outros da casa, foram conhecendo pelo exterior a mudança que se tinha operado interiormente na sua alma” [Au 10,5].

Esse é um momento de grande importância para a pedagogia do futuro peregrino, pois a transparência passa a ser desde então para ele a chave de apresentação de sua nova história. Nesse instante, a comunicação, os ensinamentos e as mensagens cotidianas passam a ocorrer sem necessidade de palavras: as suas atitudes que vão falar por si mesmas e indicar os novos aprendizados obtidos por Íñigo.

3.5.1 – O Mestre Inácio e a relação com Magdalena de Araoz.

É bastante improvável que na casa-torre, ou nos seus arredores, não houvesse livros de cavalaria, ou ao menos alguns ‘folhetins’ sobre o tema. Uma possibilidade é que Magdalena de Araoz, que foi quem lhe deu os tais livros piedosos, não quis fazer chegar às mãos de Íñigo materiais contendo narrativas de guerras como essa última por ele travada e na qual quase perdeu a vida.

Isso por um sentido de proteção materna, para protegê-lo de memórias dolorosas, ou ainda para não continuar inspirando e alimentando os modelos mentais que Íñigo já tinha tomado para compor sua história de vida até então. Ao ‘não se achar livros de cavalaria na casa’ e ao lhe ‘entregar Magdalena histórias da vida de Jesus e dos santos’, há uma clara intenção didática por parte dela e uma mensagem concreta para Inácio: é verdade que a vida é feita de guerras e batalhas, mas você conhece todas as bandeiras existentes sob as quais você pode combater e ser o valoroso cavaleiro que tanto deseja?

Para Magdalena, Íñigo é como uma criança que ainda pede revistas em quadrinhos quando poderia estar utilizando de forma mais madura suas energias para construir algo mais profundo e vital; nega-lhe livros de cavalaria e lhe apresenta livros

que geram um despertar a uma nova história, pois as coisas antigas devem passar e dar espaço a uma realidade nova⁶⁶.

Quando Inácio se inteira que Madalena inventa uma história para não emprestar os cães de caça da casa, pronto quer lhe dar uma lição: como aceitar uma mentira vinda daquela que lhe apresentou a sua nova verdade? Ele passa então a não falar nem comer junto com ela por um tempo, para que essa sua ausência sirva de tempo para reflexão quanto a essa falta cometida. A incoerência entre o que se ensina e o que se diz e se vive não mais faria parte da existência de Inácio; e, no que dele dependesse, passaria a ajudar aos demais a viver essa mesma coerência.

3.5.2 – O Mestre Inácio e a relação com os demais.

A relação muda não só com os parentes, mas também com os agregados à casa-torre, a partir desse novo conhecimento adquirido por Inácio.

Agora as conversas⁶⁷ têm um cunho mais intenso de instrução do que de passatempo ou mera socialização, elas ganham novo tema, pois “o tempo com que conversava com os de casa todo o gastava em coisas de Deus, com o qual fazia proveito a suas almas” [Au 11,1].

Essa é uma primeira ‘escola’ na qual Ínigo se vê com uma mensagem a ensinar, a compartilhar. Já nesse ambiente familiar ele se percebe com os elementos fundamentais do que será a sua grande missão no decorrer dos anos subsequentes: ajudar as almas.

Inácio aos poucos vai possuindo, nesse contexto íntimo os quatro elementos básicos para uma boa aula: 01) a vontade de conversar, convencer e ensinar, 02) o tema e matéria a serem ensinados, 03) o público a que se destina o aprendizado e 04) o acordo tácito entre as partes, para ouvir o que se diz e ser ouvido no que se está propondo, em uma típica relação educacional dialógica.

Em certo sentido, e com toda a razão, Inácio pode declarar-se quanto ao método um autodidata. E não só aprendeu um método de transmissão dos conteúdos que foi aprendendo, mas também criou seu próprio modelo metodológico para uma comunicação profunda, pessoal e socialmente relacional e engajada.

⁶⁶ II Coríntios 5,17.

⁶⁷ Aqui volta-se a se apresentar “Inácio, o mestre orador” Conf. Parte IV. Cap. 1 desse mesmo trabalho.

3.5.3 – O Mestre Inácio e a relação com Martín de Loyola.

Na convivência com Martín, Inácio teve um grande aprendizado sobre como ser um Loyola. Martín foi a primeira pessoa que lhe veio à mente quando precisava de ajuda na batalha de Pamplona. Tal atitude parece indicar o respeito e proximidade que Íñigo sentia por seu irmão mais velho.

O diálogo e os gestos com Martín, relatados na saída de Inácio de Loyola [Au 12,5-8], convém ser analisados pormenorizadamente, em seis extratos, no que se refere à fina educação, ao respeito e à mútua aprendizagem na relação entre esses dois Loyola.

Extrato 1/6:

“Achando-se já com algumas forças, pareceu-lhe que era tempo de partir, e disse ao seu irmão: – Senhor, o duque de Nájera, como sabeis, já sabe que estou bom. Será bom que eu vá a Navarrete (o duque estava ali nessa altura). [O irmão e alguns da casa suspeitavam que ele queria fazer alguma grande mudança]” [Au 12, 5-6].

Esse é o momento decisivo em que Inácio vai dar o salto da intenção e da teoria à concreção e à prática. Vai sair de Loyola mais uma vez, sendo que agora ele não é mais o mesmo que nela entrou para recuperar-se das feridas de guerra: aprendeu muito coisa e algo pode ensinar nesses meses de reflexão e sanação, mas sobretudo, aprendeu que ainda tem muito que aprender e muito mais a ensinar com sua vida e história.

Contudo, havia ainda uma barreira humana quase intransponível: seu irmão Martín, que lhe fazia as vezes de pai, no sentido de exercer sobre ele uma autoridade moral e se configurar como um modelo a ser seguido.

O mestre Inácio não chega a pedir permissão a seu irmão para cumprir seus planos, mas há uma deferência bem marcada no modo como trata seu irmão (senhor) e como expõe seus próximos passos no intuito de obter a aprovação do chefe da família. Há toda uma didática, uma diplomacia, uma intenção da parte de Inácio em não quebrar a confiança que lhe foi depositada no decorrer de sua formação até aquele momento por parte de seu irmão mais velho. Contudo, Martín também é possuidor de estratégias metodológicas e lança mão delas para tratar com Inácio nesse momento em que ele sabe que muito do futuro do jovem Íñigo está sendo colocado em risco por ele mesmo e por seus sonhos.

Extrato 2/6:

“O irmão levou-o a um quarto e depois a outro, e com muitas admirações começou a pedir-lhe que não se deitasse a perder...” [Au 12, 7a].

O diálogo e a relação que se travam na saída de Loyola entre Inácio e Martín parecem condensar as relações familiares, polidas e didáticas, passadas e futuras, desses dois irmãos. Como os dois ‘lobos diante de um mesmo caldeirão’, como estampa o brasão da família, poder-se-ia, alegoricamente, pensar em Martín como um dos lobos, a Inácio como o outro e o caldeirão que os separa como as distintas intenções e projetos de vida a que ansiar e buscar.

Cada quarto a que era conduzido continha memórias de vivências e experiência do crescimento do pequeno Íñigo e Martín não poupou-se de usar também esse estratagema com o intuito de ‘compor o lugar’ que faria com que Inácio mudasse de opinião.

Para Martín, era como se Íñigo estivesse pondo a perder a si mesmo e se admirava como alguns meses e alguns livros fizeram com que ele quisesse deixar para trás tantos anos, armas e horas que poderia vir a conquistar. Mas para Inácio esse aprendizado já chegou no seu limite e ele não queria mais passar por seus testes, mesmo com certas garantias que neles seria aprovado.

Extrato 3/6:

“... e que visse quanta esperança toda a gente depositava nele...” [Au 12, 7b].

Outra tática do senhor de Loyola era não falar das perdas do passado, mas sim das possibilidades do porvir e de como ‘toda gente’ lhe via com um grande futuro; Íñigo deveria então abrir os olhos e ver a verdade de suas palavras.

Inácio sabia que cada guerra enfrentada e vencida deixava o nome da família e o seu próprio nome ainda mais forte, porém ele já estava de olhos abertos [Au 8,4], já havia feito uma (re)leitura profunda da sua realidade social e pessoal. E o resultado dessa atividade de reflexão é que ele não estava mais convencido a colocar suas forças na opinião que os demais podiam ter dele. Havia agora uma outra voz (interna e resistente) que lhe falava mais alto. Para ele era um imperativo dar chances para que essa voz tivesse oportunidade de ecoar.

Extrato 4/6:

“... e quanto podia ajudar, e outras palavras semelhantes...” [Au 12, 7c].

A última ação pedagogicamente calculada de Martín para tentar convencer seu irmão a não seguir um caminho sem nenhuma garantia de sucesso e que ainda não havia sido trilhado por ninguém da família foi captar a intuição de Inácio em modificar-se para ‘poder ajudar’ e reverter esse pensamento para que ele notasse o ‘quanto podia ajudar’ permanecendo o mesmo. E depois desse último movimento, o discurso de Martín para Íñigo permaneceu em um mesmo tom, monotemático e com ‘palavras semelhantes’, sem novos acréscimos que pudessem convencer o iminente peregrino.

Extrato 5/6:

“... todas no propósito de o afastar do bom desejo que tinha” [Au 12, 7d].

Inácio não se deixa convencer pelas antigas promessas ressaltadas por Martín, pois já estava convencido das novas propostas que se lhe apresentavam. Ainda assim Inácio, com toda a diplomacia que nunca deixará de ter, ouve, medita, responde e contrapõe a seu irmão de tal forma que, mesmo não o convencendo, impede que haja rancores fraternos nessa despedida. Ele sabia que havia um tempo para ouvir e um tempo para falar; e depois de escutar todas as razões de seu irmão para que ele não fosse adiante com aquela nova aventura, passou então a expor suas percepções e sua própria ótica quanto ao momento que estava vivendo.

Extrato 6/6:

“Mas a resposta foi de tal maneira que, sem se afastar da verdade (pois disso já tinha um grande escrúpulo) se desvencilhou-se do irmão” [Au 12, 8].

Martín não possui o dom da oratória e da retórica no mesmo grau que Inácio e o resultado não podia ser outro senão que o irmão mais velho cedesse ao irmão mais novo em sua busca por outra vida e outros aprendizados e ensinamentos.

Antes de proferir qualquer palavra, Inácio já estava convencido da intenção do seu irmão em manter-lhe por perto para poder ajuda-lo quando fosse preciso. Essa não era uma intenção ruim, mas era uma intenção menor para alguém que já buscava algo mais. E, desvencilhando dos argumentos de seu irmão e de tudo o que a sua antiga vida propunha, Inácio parte de Loyola e lança-se em uma jornada inédita rumo a novos conhecimentos e autoconhecimentos e essa sua nova rota o coloca a caminho de Montserrat.

CAPÍTULO 02

“Nenhum trabalho seria difícil demais...” [Au 23,6]

O período de Manresa [Au 18,3-34]

1. O TEXTO

Inácio parte de Montserrat e chega em Manresa para estar em um hospital por alguns dias e anotar algumas coisas em seu livro, que levava muito bem guardado [Au 18,3-5]. Ele vivia de esmolas, normalmente não comia carne, nem bebia vinho, aceitava-os apenas aos domingos se lhe oferecessem e como forma de abnegação da autoimagem não cortava mais as unhas nem os cabelos [Au 19].

O tempo de Manresa para Inácio caracteriza-se por três fases distintas que serão abordadas à continuidade (na parte 2. Contexto). Em uma dessas fases, a primeira, mesmo lendo ordinariamente a missa da Paixão de Cristo [Au 20,5], não tinha conhecimento de coisas interiores espirituais [Au 20,1], mas sentia muito fervor e vontade de ir adiante no serviço de Deus [Au 21,5]. Sua vida sacramental perseverava sempre em sólidas confissões e comunhões a cada domingo [Au 21,9].

Na segunda fase, ele foi atormentado por escrúpulos [Au 23,4] a ponto de querer tirar a própria vida [Au 24,1]. Também por essa razão teve ímpetos de deixar a vida que agora vivia, até que o Senhor o fez despertar como que de um sonho [Au 25,6]. Seu programa de vida consistia em passar sete horas diárias em oração⁶⁸ e outros tempos de leitura espiritual, ajudar às almas que vinham ao seu encontro e pensar nas coisas de Deus que havia lido durante o dia [Au 26,1].

A outra fase “formativa” pela qual passou o santo de Loyola, a terceira e última, foi um tempo em que Deus mesmo lhe ensinava e da qual ele destaca cinco lições divinas, entre entendimentos e visões⁶⁹, às quais ele assimilou e se apropriou: a)

⁶⁸ Como Inácio não clarifica na Au, há margem para duas possibilidades gerais de interpretação dessas “horas de oração”: ou bem seriam as horas canônicas, provenientes da liturgia das horas (que são sete: Matinas, Laudes, Prima, Tercia, Sexta, Nona, Vésperas e Completas) ou bem tratar-se-ia das horas cronológicas propriamente ditas.

⁶⁹ Sobre o tema “visões”, Garcia de Castro, José (Exposición oral. Máster Ignatiana. UComillas. Madrid, Novembro de 2014.) apresenta uma clara divisão didática nos seguintes termos: 1. Visão imaginativa. 1.1 Visão imaginativa passiva – não provocada. 1.2 Visão imaginativa ativa – provocada intencionalmente, como nos EE (com os olhos da imaginação); 2. Visão Intelectiva – é mais pura que a visão imaginativa [DE 83], associada a conceitos e verdades que produzem convicção ou certeza sobre

entendimento sobre a Santíssima Trindade [Au 28]; b) entendimento da criação do mundo [Au 29,1-2]; c) visão da presença de Cristo na Eucaristia [Au 29, 3-5]; d) Visão da humanidade de Cristo e Nossa Senhora [Au 29, 6-9]; e) entendimento de muitas coisas espirituais, de fé e de letras com a ilustração que teve às margens do rio Cardoner [Au 30].

Nesse tempo, devido às grandes penitências que fazia, Inácio passa por enfermidades e inclusive por perigo de morte⁷⁰ [Au 32], momento em que recebe cuidados e tratamentos por parte dos manresanos [Au 34] até se aproximar o tempo em que ele tinha pensado partir para Jerusalém [Au 34].

2. O CONTEXTO

Seja por sua vinculação com a elaboração dos Exercícios Espirituais descritos em [Au 99-100], seja pela conexão desse tempo inaciano com a fundação da Companhia, “Manresa” é mais que um dos tempos/locais fundantes para o Peregrino; esse nome, Manresa, transcendeu sua própria localização geográfica e dá nome a um crescente e incontável número de casas de retiro e centros de espiritualidade pelo mundo, como que na intenção de que nesses locais de oração e aprendizado espiritual se faça memória e se consiga reproduzir um pouco das graças místicas e do autoconhecimento pelos quais passou Inácio. Torna-se impossível querer falar da espiritualidade inaciana sem mencionar Manresa.

Um estudo de Melloni sobre a vinculação de Manresa com Inácio, também sobre a geografia, a nomenclatura, a história e o desenvolvimento posterior dos lugares inacianos em Manresa⁷¹ projeta, de uma forma concisa e didática, muita luz sobre essa terra que acolheu o Peregrino. No dizer desse autor Manresa também é conhecida como o berço dos Exercícios Espirituais⁷². Ainda Melloni, no mesmo artigo, apresenta algumas características manresanas importantes para situar o presente estudo versando

algo (Ex.: 1º tempo de eleição dos EE); 3. Visão inobjetal – visão “de nada”, oferece uma experiência de presença imediata, sem objetos, sem imagens e sem conceitos (Ex.: Ilustração do Cardoner [Au 30]).

⁷⁰ Nesse momento da Autobiografia, Inácio relata outros momentos em que esteve em perigo de morte e qual a sua reação em cada um deles [Au 33]. Por se tratar também de um processo de aprendizado sobre si e sobre as limitações humanas, tais momentos serão analisados convenientemente na parte 3 desse mesmo capítulo 04.

⁷¹ Melloni, DEI II, 2005. ‘Manresa’ pp. 1192-1195.

⁷² Melloni, 2005.

sobre a geografia, a procedência de seu nome, sua população, a Seo (Sede Catedralícia), a um dos confessores que menciona Inácio na Autobiografia como ‘um doutor da ‘Seo’, homem muito espiritual que ali pregava’ [Au 22], o desenvolvimento posterior dos lugares inacianos e o atual projeto arquitetônico da Cova em que Inácio passava longos tempos de oração e penitência.

Ao começar esse intuito de revisão bibliográfica acerca daquilo que se refere à cidade de Manresa e à sua relação com a etapa de pré-peregrinação de Inácio à Jerusalém, recorreremos às fontes primeiras desses relatos que são de Laínez (1547) e Polanco (1548-1549), escritas bem antes dos registros de Câmara contidos na própria Autobiografia sobre a vivência profunda de Íñigo em terras catalãs.

À guisa de aprofundamento, alguns trechos⁷³ da carta de Laínez⁷⁴ à Polanco ajudam a dar uma nova dimensão aos já conhecidos relatos da Autobiografia de Inácio nos tempos de Manresa, posto que Laínez apresenta em sua missiva alguns pormenores (reelaborados por Polanco) que não constam no relato autobiográfico.

Sobre a doação que fez Inácio de suas roupas ao pobre de Montserrat, assim descreve Laínez como foi o desenrolar da história para a consciência do Peregrino⁷⁵; as implicações da ilustração do Cardoner são assim sumariamente descritas por Laínez⁷⁶:

O segundo Geral da Companhia revela ainda a face de um Inácio escritor de um texto, de modo romanceado e infelizmente não conservado, sobre o mistério da Trindade, “na qual tanto se deleitava seu espírito e, sendo homem simples e não sabendo senão ler e escrever em romance, pôs-se a escrever um libro sobre o mistério da Trindade⁷⁷”.

Do apostolado que marcou Inácio desde seus tempos de neoconverso em Loyola [Au 11,1] e por toda a vida, o ‘servir e aproveitar as almas’, expõe Laínez que Inácio

“junto ao seu próprio proveito, fez ali em Manresa proveito a muitas almas, que notavelmente se ajudaram e fizeram mudança de vida e mortificações, e vieram a grande conhecimento e gosto das

⁷³ Os trechos aqui selecionados dizem respeito diretamente aos momentos de maior aprendizagem de Inácio em seu tempo em Manresa.

⁷⁴ “Carta de Laínez al secretario Juan Alfonso de Polanco sobre sus recuerdos de San Ignacio y de los primeros tiempos de la Compañía (16 de junio de 1547)”. In: Albuquerque, 2005.

⁷⁵ Carta de Laínez a Polanco (1547), Cap. I, nº 08.

⁷⁶ Idem, Cap. I, nº 10.

⁷⁷ Ibidem, Cap. I, nº 12.

coisas do Senhor.” (Carta de Laínez a Polanco (1547), Cap. I. nº 13)

Outra fonte inicial sobre os acontecimentos de Manresa na vida de Inácio está no Sumário⁷⁸ de Polanco. Trata-se de uma versão estendida do conteúdo da carta de Laínez acima referida. Nesse Sumário, destaca-se para o presente estudo o modo peculiar de Polanco relatar os fatos vividos pelo Mestre Inácio em seu retiro manresanos⁷⁹.

Para além dessas fontes primigênicas de Laínez e Polanco, e até mesmo da própria Autobiografia, o Memorial de Padre Luiz Gonçalves da Câmara, no qual este recolhe em primeira mão as ações e os dizeres em vida de Inácio, é um dos documentos mais fiáveis sobre o desenrolar dos acontecimentos na história do Peregrino. Dele, pode-se recolher exemplos de algumas descrições sobre o tempo de Íñigo em Manresa, tais como:

- a) O método que utilizava Inácio para ler e meditar o livro de oração que se tornou exclusivo para ele nesse seu período de vivência espiritual (Memorial de Pe. Câmara, 97);
- b) O modo como o santo de Loyola se remetia à experiência que teve às margens do rio Cardoner para poder explicar seu modo de proceder desde então, quando afirmava que “a todas as coisas (*que propunha para a formação dos nossos*) se pode responder com um negócio que me aconteceu em Manresa (*a ilustração do Cardoner*)⁸⁰”.

Um dado curioso ocorrido com o Mestre Inácio em Manresa diz respeito ao evento pelo qual ele passou oito dias desacordado e que logo foi tido pelos manresanos, pelo estilo de vida santa que levava o Peregrino, como um ‘rapto’ por parte de Deus. Inácio na Autobiografia cala sobre esse evento, deixando transparecer que tal acontecimento não possuía traços de arroubo místico, mais bem estava para “um largo desvanecimento padecido por ele a causa de seus grandes jejuns⁸¹”. Porém “o certo é que aquele maravilhoso fenômeno – seja qual for seu caráter – impressionou mais que outros à imaginação do povo que imediatamente lhe elevou a um nível de prodígio e milagre⁸²”.

⁷⁸ “Sumario de las cosas más notables que a la institución y progreso de la Compañía de Jesús toca (1548-1549)”. In: Albuquerque, 2005.

⁷⁹ Sumário nº 14; nº 21; nº 23; nº 24; nº 27.

⁸⁰ Memorial de Padre Câmara, 137.

⁸¹ García Villoslada, 224-225.

⁸² Idem, 225.

A peregrinação do Mestre Inácio não ocorre simplesmente de um ponto geográfico predeterminado a outro, em concreto de Barcelona a Jerusalém, mas é um recorrido que começou, mesmo sem ele se dar conta, com o primeiro passo dado pelo neoconverso fora da casa solariega dos Loyola e até mesmo antes, em Pamplona.

Dessa maneira, Pamplona, Loyola, Montserrat, Manresa, Jerusalém formam um único bloco conceitual de ‘peregrinatio’ para o Mestre Inácio Peregrino. Se por um lado ir à Manresa tinha como intenção afastar-se das pessoas nobres do séquito de Adriano IV que possivelmente o reconheceria, por outro, “seu plano imediato era retirar-se em Manresa por alguns dias, para anotar algumas coisas em seu livro. Sem dúvida se tratava das luzes recebidas em Montserrat⁸³”.

Tal fato torna dupla a intenção do Peregrino: afastar-se dos homens para poder acercar-se mais a Deus, elementos que configuram caracterizadamente a vida eremítica. Porém Inácio dá um salto nessa transcendência e não deseja acercar-se a Deus sem ajudar as almas.

Os poucos dias que Inácio pensava em ficar em Manresa se tornam longos onze meses e alguns fatores para esse prolongamento na estada do Peregrino nessa cidade podem ser conjecturados, no dizer de Dalmases⁸⁴, sob quatro aspectos: por causa da peste que assolava Barcelona; porque passou-se o tempo de conseguir permissão Papal para a viagem; pelas enfermidades que sofreu Inácio; ou pela dimensão providencial (Divina) dessa estância.

Quanto a vida exterior, os locais de pousada e acolhimento do Peregrino em terras manresanas orbitavam entre o hospital de santa Luzia e a comunidade de Dominicanos ali presente⁸⁵. As memórias de Inácio quanto à leitura dos livros santos que fez em sua convalescência em Loyola foram não só duradouras como também foram colocadas em prática como era a sua intenção original (“se os santos fizeram essas provações eu também hei de fazê-las”) e é assim que Inácio “um dia se lembrou que um santo esteve sem comer até que alcançou a graça que desejava ardentemente⁸⁶”.

⁸³ Dalmases, 46.

⁸⁴ Idem, 47.

⁸⁵ Ibidem.

⁸⁶ Dalmases, 51.

Um aporte importante, feito por Meissner⁸⁷, com base em estudos psicanalíticos sobre o Mestre Inácio ‘eremita manresano’ diz respeito a seis pontos, que podem ser assim elencados:

01) a visão recorrente que tinha Inácio de uma serpente com muitos olhos [Au 19, 4-5] “representaria a libido inconsciente, representando o simbolismo de conflitos eróticos fálicos”;

02) sobre o ego e o superego: “em seus ataques de depressão, de escrúpulos e de impulsos suicidas, o ego do Peregrino sentia a ira do superego [...] empreendendo o Peregrino uma mobilização dos recursos de seu ego para ter controlado seus apetites”;

03) quanto as imagens e aparições ocorridas elas eram “símbolos purificados que entranham sentimentos desenvolvidores de consolação, alegria e força [...] elementos inconscientes assimilados com êxito na esfera consciente da atividade do ego”;

04) desde uma perspectiva psicanalítica, a crise psíquica pela qual passou Inácio, “inclui uma variedade de alucinações junto a estados meditados que finalmente resultaram em experiências internas de profundo entendimento e iluminação [...] não cabe dúvida quanto ao caráter profundo e significativo destas revelações e iluminações”;

05) a revolução interna pela qual passou o Mestre Inácio em Manresa “devia ser penetrada pouco a pouco. O ego era o único agente psíquico capaz de estabelecer o controle necessário sobre essas divergentes forças psicológicas e levar a cabo as necessárias reconstrução e síntese”;

06) tal síntese fez com que “o ego de Íñigo madurasse até um novo nível de funcionamento e eficácia. Antes que um intercâmbio de identidades, houve um enriquecimento do ego que logrou uma mais plena compreensão de sua própria potencialidade e um nível mais alto de organização e síntese internas”.

Inácio se torna em Manresa o ‘primeiro exercitante’ uma vez que “os exercícios escritos por ele foram fruto de suas experiências pessoais em Manresa. Escreveu-os para ajudar aos demais, comunicando as ideias e sentimentos que lhe haviam transformado⁸⁸”.

⁸⁷ Meissner, 107-124. Tanto Meissner, com a Psicologia, como García Hernán, com a História, iluminam as referências com terminologias próprias de suas ciências.

⁸⁸ Dalmases, 56.

Resumidamente, de um ponto de vista analítico sintético, de Manresa pode-se afirmar que “ao fim de seus exercícios, Inácio tinha resolvido o problema de sua vida: o serviço de Deus será seu ideal; Jesus Cristo, seu modelo; o vasto mundo, seu campo de trabalho⁸⁹.”

Melloni⁹⁰ apresenta sobre o grande evento de Manresa, a Ilustração do Cardoner, uma clara indicação de que esse evento se tratou do que condiz com elementos da mística apofática (a mística da ‘não palavra’) o que levaria a justificar a fala de Inácio quando ele afirma que mesmo que não existisse as Sagradas Escrituras para comprovar a relação de Deus com Seu povo através de Seu Messias, ainda assim ele não podia deixar de crer na existência de Deus e de Seu carinho para com Sua criação.

Outro destaque interessante de Melloni sobre a experiência do Cardoner diz respeito ao fato de que ela não é uma visão em si, mas uma ilustração que faz Inácio ver mais e melhor todas as coisas e que seu espírito só estaria pronto para receber tamanhas luzes depois de ter passado pela experiência da ‘noite escura’, depois de sentir-se totalmente esquecido por Deus, mesmo sabendo que Ele nunca o abandonou.

As divisões didáticas quanto aos três momentos vividos por Inácio em Manresa sofrem pequenas variantes de nomenclatura que orbitam entre: a) “etapas do processo de transformação: 1. Euforia autocentrada; 2. A noite dos escrúpulos; 3. A invasão mística”⁹¹; b) “etapas de 1. Heroica penitência, 2. Alternâncias espirituais e provações e 3. Grandes ilustrações e carisma espiritual inaciano⁹²”; c) “1. Momentos de paz, 2. Momentos de escrúpulos, 3. Momentos de ilustrações⁹³”; d) “Momento de paz, 2. Momento de mística, 3. Momento de escrúpulos⁹⁴”.

Com o recorte da estância em Manresa como um período formativo, no encontro com as pessoas e com as leituras feitas, García Hernán apresenta um panorama de aprendizado do Mestre Inácio com as seguintes características: a) teve encontros consoladores com uma visionária, irmã Maria de Santo Domingo⁹⁵; b) Inácio raiava o

⁸⁹ Idem, 59

⁹⁰ Melloni, Javier. Exposición oral. Máster Ignatiana. UComillas. Madrid, Novembro de 2014.

⁹¹ Idem. DEI I, 2005. Cardoner pp. 279-286.

⁹² Ruiz Jurado, 30-46.

⁹³ García Villoslada, 212-220.

⁹⁴ Costa, 99.

⁹⁵ García Hernán desenvolve ainda, nos parágrafos subsequentes, alguns pontos importantes sobre a relação de Inácio, de Antônio de la Peña, Geral dos Dominicanos, do Cardeal Cisneros e do próprio Papa Adriano IV com a Beata, pp. 120-121.

alumbradismo; c) acercou-se de livros que seguiam a mística afetiva; d) esboça um projeto elementar quanto a um possível estudo formal.

Manresa se torna ainda um dos locais fundantes de extrema importância para Inácio e para os inacianos, pois desde essa experiência geograficamente situada são compostas “as meditações que dizemos Exercícios⁹⁶” que são, “desde o princípio o fruto conjugado de uma experiência interior e de uma experiência apostólica⁹⁷.”

Esse momento de profunda vida interior, vivido entre desolações profundas e consolações insondáveis, que faz nascer os Exercícios “que possui em sua gênese histórica o duplo caráter de intuição religiosa e de pedagogia prática⁹⁸; essa última se revela mediante uma educação espiritual que permite às almas compreender a ação da graça nelas e saber como respondê-la⁹⁹”. Tal nascimento “vai levar a Inácio, pouco a pouco, a concentrar mais o esforço espiritual de seus exercitantes¹⁰⁰”. Por fim, o tratamento da Trindade com Inácio fez com que “em Manresa a graça de Deus, transbordando em Inácio dons e carismas, o fizesse santo¹⁰¹”.

Esses elementos da Manresa inaciana trazem à luz um Inácio que “estava todavia recém nascido na Igreja, e tinha que exercitar-se nela, reproduzindo em si mesmo todas as etapas pelas quais ela passou, desde a primitiva até encontrar-se frente com Papa renascentista que foi Paulo III.¹⁰²” Assim, o Peregrino que chega a Manresa chorando [Au 18,6] também entre lágrimas dela se despede¹⁰³ a caminho da vontade de Deus para si e para os demais.

3. O MESTRE INÁCIO E SUA FORMAÇÃO HUMANA

Não cabe dúvidas que a experiência provocada por Deus no Mestre Inácio numa cova aos pés de Montserrat trata-se de uma dinâmica plenamente espiritual e de ordem

⁹⁶ Carta Laínez [12]. In: Albuquerque, 2005.

⁹⁷ Giuliani, 22

⁹⁸ Sobre Exercícios Espirituais e Pedagogia Inaciana, uma boa síntese encontra-se em “Sentir y Cumplir” – Escritos Ignacianos – Iglesias 2013. pp. 259-274.

⁹⁹ Giuliani, 23.

¹⁰⁰ Giuliani, 24

¹⁰¹ García Villoslada, 207

¹⁰² Corella, 35.

¹⁰³ Ruiz Jurado, 47.

mística. Contudo, Inácio relata que “nesse tempo, lhe tratava Deus da mesma maneira que trata um professor escolar a uma criança, ensinando-lhe.” [Au 27, 4-5].

Com essa metáfora, o próprio Inácio parece autorizar e abrir caminhos para outros critérios de investigação, que não os de base teológica, como ao que aqui nos interessa, que é ao viés pedagógico educacional das relações vividas por ele com Deus e com os demais de sorte que continuaremos nessa parte da pesquisa a tecer, em forma de leituras e releituras de extratos, elucubrações didático-metodológicas da narração autobiográfica no que concerne ao período manresano do Mestre Inácio¹⁰⁴.

3.1 – “*Para anotar algumas coisas em seu livro*”. [Au 18, 4]

Para alguém que conviveu de perto em Arévalo com a mística do recolhimento, que prega a não necessidade de estudos para alcançar o conhecimento de Deus, Inácio pode chegar a surpreender pela sua relação com a materialidade do conhecimento através da leitura e, principalmente, da escrita de livros contendo experiências místicas e pequenos tratados sobre a divindade, inclusive um que ele mesmo estava compondo e “que levava muito bem guardados e com o qual se consolava muito” [Au 18, 4].

Ao descrever como tratava o livro que estava compondo desde Manresa (que a posteriori ficou conhecido como exercícios espirituais) Inácio revela uma mudança de percepção em relação a Loyola [Au 11, 3-4]: agora parece que não lhe chamava mais tanto a atenção o material com que foi produzido o caderno em que estava escrevendo, mas sim o conteúdo que nele estava sendo elaborado, a estética sede lugar à ética, a materialidade à transcendência, o objeto à ideia, a teoria escrita à experiência vivida e vívida. Tal material ganha status de um tesouro que precisa ser muito bem guardado pois levava nada menos que a intimidade do Mestre Inácio em seu trato com a Trindade e com os santos.

O Inácio que passou um bom tempo “quase em um mesmo estado interior com grande igualdade de alegria, sem ter nenhum conhecimento de coisas interiores espirituais” [Au 20, 1] pode oferecer uma falsa imagem de que apenas desse modo, em perfeita paz e equilíbrio, se pode viver no melhor dos mundos, mas se a paz não é fruto

¹⁰⁴ A divisão utilizada quanto aos pontos a serem estudados baseia-se na tripartição dessa fase de aprendizado inaciano feita por autores como Melloni, Ruiz Jurado e García Villoslada, já aludida na parte 2 desse mesmo capítulo.

de uma fé inquieta e se o equilíbrio não é fruto de uma realidade justa tais sentimentos podem se tornar tão vazios quanto aqueles que o carregam. O estado de ânimo com o qual chega o Mestre Inácio a Manresa, e que caracteriza sua primeira etapa desse longo retiro, raia à falsa ingenuidade produzida pela falta de conhecimento profundo de si e discernimento radical das atitudes vitais. Nesse grau de superficialidade é como se a vida ocorresse em um corpo sem maiores dinamismos e com o espírito em um crônico estágio de alienação.

3.2 – *“Como quem retira uma capa dos ombros”*. [Au 21 ,2]

A segunda etapa de Inácio em Manresa trata de como Inácio, saindo do estado de tranquilidade em que se encontrava, “começa a ter grande variedade de sentimentos em sua alma” [Au 21, 1] que lhe fazia oscilar entre profunda desolações e consolações sem causas precedentes.

3.2.1 – *“Com muito fervor e muita vontade”*. [Au 21,5]

Mesmo com uma grande diversidade de ânimos que passaram a lhe agitar, o Mestre Inácio mantém-se firme em seu propósito de conhecer em profundidade a vontade de Deus para si e “nesse tempo conversava com pessoas espirituais, que o estimavam e desejavam conversar com ele.” [Au 21, 4-5].

Era pelo fervor e vontade m suas palavras, mais que pelo conhecimento e capacidade conteúdistas, que o Mestre Inácio fazia as pessoas aproximarem-se dele, cativando-as e fazendo-se estimado por elas. Daqui se pode apreender que tão importante quanto o que se diz é como se diz. Essa lição demonstra que aqueles que têm ouvidos para ouvir e sensibilidade para perceber que todo esforço pessoal em vista de estabelecer diálogos frutuosos que comuniquem vida, dignidade e respeito deve ter garantida sua recompensa positiva na prática do ensinamento recebido.

Outra avaliação possível feita pelos que acorriam a Inácio para ter com ele momentos de reflexão pessoal sobre temas importantes dos mistérios da vida diz respeito ao que o Mestre Inácio não tinha (conhecimentos espirituais) e o que ele demonstrava ter (vontade de progredir). Nesse tempo, o Mestre Inácio estava como que em ‘estado de promessa’, em estado de ‘vir a ser’; as pessoas espirituais que com ele conversam podiam facilmente perceber que aquele peregrino era alguém que passava

por um tempo de advento até que lhe chegasse, total e definitivamente, a Palavra, o Verbo. Promessa que se cumpriu com a ilustração do Cardoner.

Desde Pamplona [Au 1,3] passando por Loyola [Au 11,1] e Montserrat [Au 15,3] até chegar em Manresa se pode notar que a Autobiografia vai tecendo uma face intercomunicante do Mestre Inácio em diálogos e exortações através de conversas profundas, que começam pelo campo da diplomacia e da política, passando pelas relações familiares e conversação de convencimento, chegando em sua culminância, sem perder as características anteriores, ao viés da espiritualidade.

Apenas um pequeno trecho de uma das conversas espirituais que travou o Mestre Inácio com uma “serva de Deus, e conhecida como tal em muitas partes de Espanha” [Au 21, 6-7] no período manresano é por ele relatado na Autobiografia.

Para os fins de nosso trabalho, no que concerne ao que o Mestre Inácio deixou transparecer desse colóquio, há dois momentos chaves que podem ser ressaltados:

a) *a conexão de Inácio entre sua realidade pessoal e os modelos que possuía de estereótipos de ‘santidade’.* Parecia ser muito cedo ainda para que Inácio pudesse sonhar em ‘ver a Deus face a face’, como rogava a Beata a quem ele foi ao encontro. Ao considerar uma brincadeira a oração da serva de Deus para que Cristo lhe aparecesse, parece que o plano de Inácio era aproximar-se da divindade apenas pelos Seus efeitos, Suas consolações etc. Esse momento de ‘profecia’, que é tomado com pouca seriedade vai revelar o quão incipiente estava as metas que o mestre Inácio pensava atingir com seu novo plano de vida humano-espiritual. Se nesse diálogo o conhecer a Deus através de uma aparição do seu Cristo parece ser para ele algo surreal a ponte de ‘tomar como uma brincadeira’, muito em breve, bem antes de La Storta [Au 96], esse encontro pessoal ocorrerá de muitas formas [Au 41.44.48.]

b) *a identidade que ele atribui a si mesmo.* O novo soldado de Cristo, como se auto intitula o Mestre Inacio pode indicar que havia nele um velho soldado que dá lugar a um novo combatente na linha da imagem do homem novo paulino e do combater o bom combate, sob o comando do Rei Eternal. Classificar-se tão abertamente como ‘novo soldado de Cristo’, assim como também claramente se declara Peregrino, pode fazer

transparecer que “as linhas de continuidade entre Íñigo, o valente homem de armas, e a emergente personalidade de Peregrino eram sumamente claras¹⁰⁵.”

c) Inácio se encontra a partir desse diálogo com a Beata com um tom mais realista que o vai seguir por toda a continuidade de sua história de vida. Ele que tinha sonhos impossíveis como o de casar-se com uma “senhora que não era de vulgar nobreza: nem condessa, nem duquesa, mas era seu estado mais alto que todas essas” [Au 6,5], passa a ter reservas quanto a novas altas conquistas: “Como me há de aparecer Jesus Cristo?” [Au 21,7]. Pôr em perspectiva cautelosa novas façanhas que nem sequer ousa sonhar e manter expectativas realistas e positivas para seus futuros planos é uma das lições que essa parte da narrativa propõe aos educadores modernos. Como fruto desse paralelo de desejos (casar/ver a Jesus Cristo) Inácio termina por não lograr o que ocupou seus pensamentos por tanto tempo (conquistar a dama de seus sonhos) para conseguir aquilo que parecia uma brincadeira de tão impossível que era: encontrar face a face ainda em vida o seu novo Mestre e Senhor, “conhecendo-O pessoal e intimamente para mais amá-Lo e segui-Lo” [EE 104].

Nessa segunda etapa de vivência de um autoconhecimento profundo, Mestre Inácio traça duas linhas de diálogos que se intercomunicam: conversas espirituais pessoais sem roteiro prévio e interações com personagens (Jesus e os Santos) e situações presentes nos livros eu lia.

3.2.2 – “Com muito cuidado e toda por escrito”. [Au 22, 2]

A escrita é tida por Inácio (e por um seu confessor) como um ato catártico e purificador e é esse o recurso que ele vai utilizar ao revisar sua vida por inteiro com um relato “todo por escrito, [...] e que escrevesse tudo aquilo de que se pudesse lembrar.” [Au 22, 1-6]

Mesmo não sendo alcançados os frutos esperados com o ato de registrar por escrito sua conduta anterior no que sentia que ofendera a Deus, ainda assim é marcante para Inácio o ideário de força gráfica que possui da palavra escrita, privilegiado meio de comunicação utilizado exclusivamente pelo Homo Sapiens. Esse método de escrever para guardar a experiência será uma constante na vida do Mestre Inácio e tal mecanismo

¹⁰⁵ Meissner, 123

didático de dar palavra (e palavra escrita) à experiência transpassou a realidade pessoal de Peregrino e chegou até nossos dias como uma característica de sua espiritualidade e método de oração. Isso porque Inácio possuía uma grande e forte diretriz, que raiava a escrupulosidade, que o fazia coligar o texto escrito e a realidade experienciada; em especial ao escrever qualquer material que tivesse como objetivo explicar o que era a Companhia, o seu nível de perfeccionismo e exatidão nas palavras era sobremaneira singular¹⁰⁶.

3.2.3 – “Sabendo que era pecado...” [Au 24, 2]

É necessário ter aprendido a possuir uma grande liberdade interior e ter superado completamente o ímpeto de fazer danos letais a si mesmo para poder manifestar com tanta clareza tais desejos de tirar a própria vida. Nesse momento da Autobiografia a narrativa do Mestre Inácio ganha tons de desesperança em si mesmo e de confiança em um tênue fio de conduta moral regida por ditames que lhe ultrapassam e preservam a vida acima de qualquer desespero. É importante observar que deve-se entrar nessa parte da história do Mestre Inácio como quem entra em um terreno sagrado que é a vida do outro que revela-se em um dos piores momentos de sua história para ensinar aos demais com sua experiência que tudo passa e só Deus basta, clamando “Senhor, não farei nada que Te ofenda. Repetindo estas palavras, assim como as primeiras, muitas vezes”. [Au 24,1-2]

Esse enorme conflito interno, que demora anos para ser de todo resolvido [Au 91, 2-5], em termos didáticos, pode relacionar-se com a capacidade de estabelecer critérios fiáveis de convicção internas, com aprendizados efetivos e também afetivos e deixar-se reger por tais normas. O ensinamento aqui presente parece dizer respeito ao modo como a vida deve ser vista em sua extensão e como um todo mais que considerada como blocos estanques e não comunicantes entre si. Em outras palavras,

¹⁰⁶ A escrita das Constituições, por exemplo, sofrerá um processo de oração e discernimento muito minucioso, do qual dá testemunho o Diário Espiritual que escreveu Inácio e que relata como era sua oração no período da redação de parte das Constituições. Outro exemplo é a composição do livro dos Exercícios Espirituais, o qual ele não escreveu de uma só vez [Au 99], o que indica a necessidade de tempo para ajustar a palavra à experiência. Alguns estudos sobre o tema do “Inácio escritor” se encontram em: Kolvenbach, P.-H. *Decir... al inescible*. Mensajero Sal Terrae. Bilbao/Santander, 1999.pp. 13-46. Também García de Castro, José. (Exposición oral. Máster Ignatiana. UPComillas. Madrid, 2014), trata sobre a mensagem espiritual através das particularidades linguísticas, em “Diário Espiritual, Semântica a Mística” aborda o perfil do Inácio aficionado pela adequação da palavra à prática vivida em oração ao escrever Inácio a intimidade de sua prática orante.

sintetizando simplificadamente, o desespero vivido hoje pode ser a força da lição aprendida e comunicada para a ajuda aos demais no futuro.

Mesmo não fazendo parte do recorte estudado nesse trabalho, posto que se trata da vida de Inácio saindo de Azpeitia a caminho de Veneza, ainda assim um trecho paralelo a esse [Au 24, 1-2] em que as características geográficas são praticamente as mesmas (uma altura, um rio, um declive) e que a possibilidade de precipitar-se é muito grande encontra-se em [Au 91, 1-5].

Muitos são os simbolismos relacionados com [Au 24, 1-2]: perder-se no caminho; ter um rio que corria fundo; “quanto mais andava, mais o caminho se tornava estreito” em paridade com o fato que quanto mais ele rezava e fazia penitência em Manresa, mais os escrúpulos lhe atacavam, estreitando sua vontade de viver; “mesmo que eu tenha que seguir a um cão” [Au 23, 6] em consonância com o andar engatinhando (como um cão) por um longo tempo e com muito medo.

É, de alguma forma, um alívio que o Mestre Inácio comunique que aquele momento de desespero em Manresa não foi o pior momento de medo de toda sua vida, como quem, olhando em retrospectiva comparativa, indica que o medo e o terror do presente podem ser suplantados por uma experiência ainda mais fortes de valorização da vida no futuro. Toda a aflição pelos escrúpulos vividos em Manresa é atenuada pela experiência de “maior fadiga e trabalho corporal que jamais suportou” no caminho de Bolonha; em um a relativização da vida era a constante que o fazia querer precipitar-se morro a baixo, em outro a valorização da vida fez com que ele temesse perdê-la de uma forma tão esdrúxula.

Com a intenção de amenizar ainda mais um tema tão duro e íntimo como o é encerrar a própria morte, o Mestre Inácio conclui o relato no qual ele “sofreu muito” com o seguinte desfecho: “fez rir a muitos que ali estavam presentes.” [Au 91, 6]

Aquele que passou pela tentação de jogar-se da cova de Manresa e que venceu o precipício no caminho de Bolonha, vai cair de uma pequena ponte de madeira e fazer rir a muita gente. Tal fechamento para essa narrativa dá a entender que, ao final, coberto de água e lama, Inácio pode também ele rir de si mesmo.

Contudo, desse momento, parece ficar dois alertas: 01) é possível vencer grandes tentações e superar enormes problemas, mas se não se mantém a atenção nos caminhos

tomados qualquer pequeno obstáculo pode nos fazer cair e passar ridículos a ponto de outros rirem de nossa situação e 02) é possível rir de si mesmo ao perceber, com paz de espírito, que o vexame público pelo qual se pode passar e que faz todos zombarem de você é apenas exterior e circunstancial e não profundo, interno e identitário.

3.3 – “Ajudar algumas almas” [Au 26,1]

Passados os momentos de escrúpulos e da noite escura [Au 25], pela primeira vez é empregado pelo mestre Inácio o termo ‘ajudar as almas’ que repetir-se-á em [Au 45, 50, 70 e 98] e que vai ser a “abertura de uma sinfonia que abarcará toda a vida de Inácio¹⁰⁷.”

3.3.1 – “Com os olhos corporais...” [Au 27, 1]

Em [Au 27], o mestre Inácio apresenta uma multifacetada forma de autoconhecer-se e revela quatro aprendizados obtidos ao olhar em seu interior e perceber que saber deixar é tão importante quanto saber reter. Essas lições que abarcam o ser total são fundamentais para aqueles que aceitaram como projeto profissional ajudar a conduzir outros no caminho do crescimento pessoal e da construção de um caráter digno e reto.

Aprendizado um: nesse trecho, ele revela sua firme intenção de “*perseverar na abstinência de não comer carne, e estar firme nisso, que de nenhuma maneira pensava mudar*” [Au 27, 1a]. O mestre Inácio declara e comunica o quão importante é ter um firme propósito de seguir naquilo que, em seu parecer, é o melhor a ser feito. Ter essa certeza é fundamental para um projeto de vida sadio e digno. Contudo, não pensar de nenhuma maneira em mudar o propósito, não significa que razões claras e novas possibilidades não possam e não devam ser sondadas, visando a melhoria do projeto de vida em seu conjunto.

Aprendizado dois: “[...] *um dia de manhã, ao levantar-se, se lhe representou diante dele carne para comer, como se a visse com olhos corporais, sem ter tido nenhum desejo dela. E veio-lhe também juntamente um grande assentimento da vontade para que dali em diante a comesse [...]*” [Au 27, 1b - 2a]. Quando, ‘sem nenhum desejo e com o assentimento da vontade’, chega-se a uma clara percepção de que o modelo de conduta e o estilo de vida realizado até então podem sofrer mudanças que o

¹⁰⁷ Rambla, 2011.

transformem radicalmente, cabe estar aberto e disposto para que esses câmbios possam ser experimentados para só então serem aceitos ou rejeitados segundo o que parecer mais conveniente.

Aprendizado três: “[...] e mesmo que se recordasse do seu propósito anterior, não podia duvidar disso, e determinar que devia comer carne.” [Au 27, 2b]. A lembrança do propósito anterior, que se constituiu por muito tempo como uma verdade estabelecida, deve sempre estar presente para que possa ser resgatado em algum momento futuro caso pareça oportuna tal atitude. Não se pode simplesmente ignorar as determinações feitas em consequência de novas tendências assumidas. Porém se a aceitação da nova proposta parece ser de tal modo indubitável que não se possa fugir dela sem perder a paz, assim que deve-se abraçar, consciente e criticamente, esse novo modo de proceder. Pequenas reformas de vida são passos dados para um projeto vital refeito e um pouco mais perfeito.

Aprendizado quatro: “E contando-o depois ao seu confessor, o confessor dizia-lhe que visse se isso não seria tentação; mas ele examinando-o bem, nunca pôde duvidar disso.” [Au 27, 3]. Partilhar regularmente as mudanças ocorridas no projeto com um outro, autorizado para tal, é de suma importância para que o indivíduo que discerne possa, antes de tudo ouvir-se a si mesmo, e confrontar suas ideias com alguém experimentado e com uma opinião balizada. Antes de enfraquecer o propósito de mudança vital, tal nível de comunicação pode servir de aprendizado para fortalecê-lo ainda mais. E caso surjam dúvidas e questões que não foram até então postas pessoalmente, a partilha com outrem sobre esses novos propósitos apresenta-se ainda mais necessária, pois um outro que voluntariamente quer envolver-se com o crescimento alheio (e essa não é outra missão que a do educador) pode ser um auxílio inestimável para que se chegue a uma maior clareza daquilo que se pode viver com tanta segurança que, mesmo que se queira, não se possa duvidar que tal ação é mais acertada para o momento e a circunstância vividos.

Esses quatro passos de auto aprendizado que foi utilizado pelo mestre Inácio sobre normas alimentares adquiridas tocam ainda o que viria a ser o ‘Primeiro Tempo’ de eleição contido na segunda regra da segunda semana dos Exercícios inacianos [EE 175].

3.3.2 – “Entre a rudeza, o fraco raciocínio e a firme vontade.” [Au 27, 4]

O não ter-se verdadeiramente em grande consideração em contraposição ao orgulho de valente cavaleiro é uma lição que Inácio vai assimilando progressivamente a ponto de nomear-se como alguém “rude e de grosso engenho”. Assim que a caracterização de que Deus mesmo o ensina como se ele fosse uma criança [Au 27,4] abre caminho para interpretações possíveis de como a pedagogia de Deus ocorria e era recebida e apreendida. Dos cinco pontos que Inácio elenca para que sirvam de exemplo sobre como ocorria o modelo de ensino-aprendizagem da parte de Deus, para o objetivo desse estudo, destaca-se o quinto elemento, a ilustração do Cardoner.

Essa ilustração ocorre sem que o Mestre Inácio a busque, posto que estava simplesmente sentado olhando o rio [Au 30, 1], quando tem os olhos abertos sobre o entendimento e o conhecimento das coisas espirituais, de fé e de letras, que pareciam para ele coisas novas [Au 30, 2], com tal claridade de entendimento [Au 30, 3] que se juntasse tudo o que aprendeu em todos os âmbitos de sua vida pelos 62 anos vividos até então, ainda assim não se poderia comparar com a epifania que recebeu naquele único momento [Au 30, 4] em que ele parecia ser outro homem com outro entendimento.

Pode-se dizer que Inácio no Cardoner, ao receber um incomparável entendimento e conhecimento de letras, passou a possuir maior clareza sobre o que precisaria ser feito, em ditames didático-pedagógicos, sobre sua futura vida intelectual. A transcendência dessa ilustração, que concerne ao campo espiritual, veio acompanhada da fina capacidade de intelegir a realidade imanente como nunca antes ou depois lhe havia ocorrido, concernente ao campo intelectual. Experiências de tal magnitude tendem a ser ruminadas por toda a vida e ainda assim não se chega a finalizar e concretar suas potencialidades. Tal modelo de ilustração como que chega a desafiar os limites do cérebro humano e, ainda assim, Inácio vai vivê-la de forma serena, remetendo-se sempre a essa ocorrência ímpar nos grandes feitos de sua história e de sua missão de vida.

3.3.3 – *Sobre o bem viver e sobre o bem morrer*¹⁰⁸: ensinamentos possíveis. [Au 31 -34]

¹⁰⁸ Sobre o tema da Morte na Espiritualidade Inaciana, ver ainda artigo de Callaghan, SJ no DEI II, pp. 1302/1303.

O Mestre Inácio conclui a narrativa de sua vida em Manresa, contando sobre como “uma vez se enfermou” [Au 32, 1] a todo um percorrido sobre as vezes em que também esteve em perigo de morte vindo de Valencia para Itália [Au 33, 1-3], outra vez em 1550, quando esteve mal de uma pesada enfermidade [Au 33, 4-6], e outra enfermidade que teve durante o inverno da qual lhe ficou como resquício uma frequente dor de estômago [Au 31].

Tal evolução não cronológica e sim temática da narrativa autobiográfica faz ressaltar o caráter didático de um livro que quer servir de modelo sobre como deixar-se guiar, sobre como aprender a ser conduzido por algo maior que si mesmo. Nesse sentido, o bem morrer – assim como bem viver, que significa ter um projeto de realizações coerente com o convite à vida em plenitude – é um tema recorrente no Mestre Inácio a ponto de, quando prepara uma Fórmula para o Instituto que está tomando forma, incluir por exemplo o cuidado com os moribundos e com os doentes nos hospitais¹⁰⁹ como modo de proceder de quem se consagre na Companhia.

A narrativa perde seu caráter de temporalidade para assumir um viés conceitual e para poder apresentar de modo claro e pedagógico outra evolução que diz respeito ao entendimento do mestre Inácio sobre a morte para ele e sobre a morte em si.

Em um primeiro momento, pelo resistente e entranhado orgulho que possuía sobre o modo como em tudo fiava-se de si mesmo e se tinha em grande conceito, será necessário que ele peça aos demais que quando o vejam em ponto de morte lhe lembrem que ele não passa de mais um pecador sobre a face da Terra [Au 32, 5].

Em um segundo momento de risco extremo, no qual Inácio ainda possuía expressões como “fugir da morte” [Au 33, 1], já “não sentia ele temor de seus pecados, mas ainda tinha grande confusão e dor por jugar que não havia empregado bem os dons e graças que havia recebido de Deus” [Au 33, 2-3].

O terceiro momento, poucos anos antes de sua morte, ele trata de como, ao meditar sobre esse tema, lhe invadia uma imensa alegria e consolação espiritual a ponto dele se derreter todo em lágrimas [Au 33, 4-6].

¹⁰⁹ Fl, 1.

CAPÍTULO 03

“E de ambas as partes haviam razões prováveis.” [Au 36,3]

O período de Jerusalém [Au 35-53]

1. O TEXTO

Mesmo sem saber italiano ou latim [Au 35,2] era o desejo do Mestre Inácio ir sozinho a Jerusalém [Au 35,1], posto que queria confiar só em Deus [Au 35,4] seu desejo era inclusive embarcar sem provisão nenhuma para si [Au 35,5].

Nos vinte dias que passa em Barcelona, saído de Manresa, pede o necessário para a viagem [Au 36,9-37,1], tempo em que perde a vontade de procurar pessoas espirituais para conversar [Au 37,5]. Desde o porto Barcelona, chega a Gaeta e começa a caminhar com outros mendicantes em direção à Roma. Entre os mendicantes havia uma mãe com sua filha, que estava vestida como homem para evitar os males que poderiam aflorar no caminho; ao chegarem em um albergue com muitos soldados, estes trataram de embebedar os peregrinos para maltratar a mulher e a sua filha, mas, já de madrugada, os gritos das mulheres alertaram o Mestre Inácio do perigo que elas corriam e ele detém a vil intenção da soldadesca para com aquelas mulheres ‘com um grande ímpeto e a fortes gritos’, saindo com elas noite adentro, continuado o caminho a Cidade Eterna [Au 38].

No caminho, para às portas de Fonde onde não lhe permitem entrar pelas suspeitas da peste que assolava a região [Au 39,1-3]. Aguardando uma solução para entrar na cidade, consegue falar com a condessa do lugar que entrava por uma das portas e ela lhe permite a entrada. Passa em Fonde dois dias e chega em Roma em 29 de março de 1523 (Domingo de Ramos) [Au 39, 4-6].

Depois de receber a benção papal para ir à Terra Santa, parte para Veneza para esperar embarcação [Au 40] e, no caminho de Pádua, aparece-lhe o Cristo, visão com a qual ele se consola muito [Au 41]. Um espanhol rico o reconhece em Veneza e lhe consegue a viagem para Jerusalém [Au 42]. Com conversas espirituais logra que seu conterrâneo organize um encontro com o Duque de Veneza que, após ouvi-lo, o coloca na embarcação dos governantes a caminho da Terra Santa [Au 43,1-4].

Mesmo febril e doente, embarca no navio que lhe competia e passa a repreender o comportamento sujo e torpe de alguns tripulantes, até que foi mudado para outra nau

na qual chega a Jafa. Daí seguem em montaria até Jerusalém [Au 43,5 -44]. O Mestre Inácio consola-se de modo sobrenatural ao chegar em Terra Santa e manifesta aos franciscanos guardiões da Terra Santa o desejo de permanecer e aí viver piedosamente [Au 45].

Ao apresentar ao provincial dos franciscanos a sua intenção de peregrinar mendicante nos santos lugares este rechaça seu pedido, deixando atônito ao Peregrino que já havia inclusive escrito algumas cartas nas quais dava por seguro sua permanência em Jerusalém [Au 46-47]. Não sem passar por vexações ao ir sem guia rever o local da ascensão do Senhor [Au 48], parte de Jerusalém em 23 de setembro de 1523 do mesmo modo como chegou (sem dinheiros) e chega em Veneza em meados de Janeiro de 1524 [Au 49-50,2].

Percebendo que não era a vontade de Deus que ele ficasse em Jerusalém, decide regressar para Barcelona para estudar por algum tempo e poder ajudar as almas [Au 50]. Nesse retorno partiu de Ferrara a Genova. Foi capturado por soldados no caminho real, estes lhe tratam mal pois pensaram que ele seria um espião de Espanha (país que estava por então em guerra com a França); ao final o Mestre Inácio é tido por eles como um louco e o deixam partir [Au 51-53,3].

Ainda em sua jornada de retorno a Catalunha, encontra-se com um conterrâneo espanhol dos tempos em que eles serviram juntos na corte dos reis católicos e este lhe facilitou o embarque a Barcelona [Au 53, 4-8]. Já em Barcelona, comunicou a Isabel Roser sua inclinação para os estudos e toma a Jeronimo Ardévol como seu Mestre no ensino da Gramática, começando desse modo seus estudos escolares formais [Au 54,1] que vão seguir ainda pelas Universidades de Alcalá, de Salamanca e de Paris.

2. O CONTEXTO

É de Martín Moreno¹¹⁰ a entrada ‘Jerusalém’ em DEI e nela ele ressalta que: a) uma quinta parte da Autobiografia é dedicada a peregrinação a Jerusalém [Au 35-56]; b) o primeiro projeto de peregrinação se dá em [Au 7-9], com o Mestre Inácio ainda convalescente em Loyola; c) seu projeto não era apenas ir a Jerusalém, mas permanecer nela conforme [Au 12.36.45]; d) chega em Jerusalém com consolação que não parecia

¹¹⁰ Martín Moreno, DEI II, 2005. ‘Jerusalém’ pp. 1064-1070.

natural [EE 192]; e) Inácio oferece-se como uma tela em branco para pintar-se nele as paisagens da Terra Santa e por isso quis observar com minuciosidade tudo o quanto pode estando aí [Au 47]; f) o voto de ir a Jerusalém que Inácio faz junto aos seus companheiros em Montmartre em [Au 96].

Destituído de todo o matiz espiritual acerca da viagem do peregrino a Jerusalém, Meissner indica que “a qualidade da devoção e a conduta do peregrino eram ingênuas e quase fanáticas¹¹¹.”

Quanto a situação político-econômica e religiosa que encontrou Inácio em Roma sob o Papado de Adriano VI, García Hernán assegura que “Inácio chegou a Roma no pior momento possível¹¹².” Outra boa aportação que faz esse autor quanto à viagem do Mestre Inácio em Terra Santa refere-se relação entre essa peregrinação e os eventos de Pamplona exposta na carta que o Guardião Franciscano Jacob de Portu e sua comunidade haviam enviado a Carlos V, em 18 de agosto de 1523, “suplicando ajuda militar porque estavam sendo importunados pelos turcos¹¹³.”

Talvez por sua convicção de que permaneceria em Terra Santa até o fim de seus dias, Inácio não dá notícia de ter composto memórias sobre a peregrinação que fez a Jerusalém em algo como um diário de bordo dessa viagem, coisa comum e piedosa de se fazer entre os peregrinos. Assim que as fontes mais seguras como testemunhas oculares quanto aos acontecimentos dessa viagem do Mestre Inácio (e dos demais peregrinos) encontrasse nos diários feitos por Pedro Füssili, de Zurique, e por Felipe Hagen, de Estrasburgo¹¹⁴.

Outro acontecimento digno de nota quanto ao retorno do Mestre Inácio desde de Jerusalém diz respeito às suas passagens pelos acampamentos espanhol e francês, narrados em [Au 51-53] da qual faz um interessante relato e aproximações bíblicas García Villoslada¹¹⁵ e que não cabe aqui reproduzir, mas que se pode assim consignar: “Com vestimentas que pareciam de burla e afronta preferiu sofrer a humilhação e a vergonha¹¹⁶”.

¹¹¹ Meissner, 159

¹¹² García-Hernán, 135

¹¹³ García-Hernán, 141-142.

¹¹⁴ García Villoslada, 247.

¹¹⁵ Idem, 256-257

¹¹⁶ Ibidem, 256

Por fim, não poder ficar em Jerusalém [Au 46-47] fez com o mestre Inácio “estivesse pensativo, pedindo luz ao Senhor, que o iluminasse em seu porvir. Achava-se como um capitão de um navio que no meio da tormenta perdeu sua bússola e a escuridão o impede de ver o Norte¹¹⁷”. O seu “quid agendum” (que fazer?), agora que sabe que Jerusalém não será seu último porto seguro, o faz desejar “iniciar estudos em uma Universidade, mas para tal ainda não possuía preparação suficiente¹¹⁸.”

3. O MESTRE INÁCIO E SUA FORMAÇÃO HUMANA

Jerusalém é até então para o Mestre Inácio o cume de seus desejos espirituais. Em seu entendimento a Terra Santa é o ponto de chegada e permanência da vida que se lhe está sendo reformada. Viver visitando os lugares santos, mendigando seu sustento e ajudando as almas, é o sonho e o projeto que acalenta desde sua convalescência em Loyola por entender que esse era o pedido de Deus para ele.

Nunca imaginaria que poderia errar em coisa tão certa quanto viver piedosamente para Deus e para os demais e nisso consiste a grande lição que ele vai receber do Cristo Educador: a intenção, o método, a ação estão precisos, o que fazia falta era corrigir a rota em direção a outro porto, a outro público, a outra vida, mas em um mesmo estilo de consagração assumido durante o longo caminho processual pelo qual passou. E o mesmo desejo de obedecer suas intuições sobre o que queria Deus que o faz peregrinar até Jerusalém é o que o motiva a deixar a Cidade Santa.

Para uma melhor divisão didática do presente estudo, pode-se dizer que três são os momentos que marcaram a peregrinação do Mestre Inácio a Terra Santa: 01) o caminho de ida de Catalunha a Jerusalém [EE 35-44]; 02) a permanência em Jerusalém [EE 45-48]; e 03) o caminho de volta de Jerusalém a Barcelona [EE 49-54]. Até mesmo pela quantidade desproporcional de narrativas dessas três etapas, convém notar que a importância dada por Inácio à peregrinação feita recai mais sobre a ida (nove pontos do relato) e a volta (seis pontos) de Jerusalém, do que o tempo em que propriamente passou na Cidade Santa, que possui apenas quatro pontos do relato e destes quatro pontos pouco se faz alusão à experiência espiritual que ele tão fortemente almejava ao tocar o solo sagrado por onde passou o Cristo de Deus.

¹¹⁷ Ibidem, 255.

¹¹⁸ García Villoslada, 255

Com esse dado, fica ainda mais claro que em cada um desses momentos os encontros (e desencontros) do Mestre Inácio com as pessoas no caminho deram a tônica dos aprendizados que ele recebeu e que compartilhou. Essas relações tecidas com os mais variados grupos humanos tornam-se fonte de esclarecimentos sobre o processo pedagógico e humano pelo qual passava Íñigo em relação aos novos conhecimentos que ia adquirindo e comunicando nesse momento de sua formação integral.

3.1 – De Catalunha a Jerusalém [EE 35-44]: o caminho de ida.

Mesmo com a insistência pessoal de ir só pelo caminho, atitude presente nele desde Loyola [Au 13,6], e de não confiar senão de Deus mesmo quanto a tudo o que lhe ocorresse, o fato é que o Mestre Inácio raramente esteve completamente sozinho, no sentido de desprovido da presença de outras pessoas.

Com esse contexto convém matizar então que para ele ‘ir sozinho pelo caminho’ não significava abster-se de contato com os demais, mas sim não ter por perto uma presença constante de alguém de sua confiança para ajudá-lo sempre que necessário. Nisso consistia o ser ‘sozinho’ do Peregrino e de ter só a Deus por refúgio [Au 35,1-5].

3.1.1 – Um tríptico colóquio: o Capitão, o Confessor e a Mulher.

O primeiro encontro do Mestre Inácio foi com o grupo humano com o qual vai arquitetar a etapa inicial de sua viagem em peregrinação a Terra Santa e ele encerra convencimento, consciência, matéria: convencimento do dono da embarcação para que ele pudesse viajar sem pagar; consciência pacificada de escrúpulos ao conversar com o seu confessor; matéria (alguns biscoitos) conseguidos através da doação de uma senhora.

Nesses três encontros estão presentes uma relação completa com os demais e consigo mesmo uma vez que o Mestre Inácio, sempre através da arte do diálogo, logra seu objetivo: começar a viagem a Jerusalém, desde Barcelona. Mas não o consegue sem antes dar voltas sobre os três temas supracitados: convencimento, deixando-se também convencer pelo capitão da nau de que necessitaria mantimentos para a viagem e que sem eles “de nenhum modo no mundo o receberia” em sua embarcação [Au 35,6]; consciência pacificada ao confirmar seu espírito conversando com o confessor sobre aquilo que a mente já dava por certo, contudo ainda com uma certa inquietude ainda

“pois de ambos os lados havia razões prováveis” [Au 36,3] quanto ao levar víveres ou não levá-los na viagem que iria empreender; matéria propriamente dita, ou seja, uma vez confirmado em mente e em espírito que levar suprimentos para a viagem não afetaria seu propósito de confiar apenas em Deus [Au 36,1], restava agora tratar de conseguir tais suprimentos, coisa que facilmente logrou pedindo-os a “uma senhora” [Au 36,5], “pois desse modo costumava vier, pedindo pelas portas” [Au 36,9].

3.1.2 – *“Pessoas espirituais com quem dialogar”*. [Au 37,2]

Como pessoa sempre em busca, o Mestre Inácio, mesmo passando apenas vinte dias em Barcelona, ainda seguia sua rotina de confrontar-se com pessoas espirituais para delas aprender delas sobre suas experiências de Deus vividas em plenitude mesmo que “elas estivessem em ermidas longe da cidade” [Au 37,2]. Contudo, esse tempo pós Manresa e, conseqüentemente, pós Ilustração do Cardoner, fará com que ele caia em si sobre a radicalidade de sua própria experiência espiritual e humana e que já não cabia saber de outros suas vidas e seus pensamentos espirituais para sentir-se forte em seus propósitos, uma vez que recentemente ele mesmo havia passado pelas mais profundas desolações e pelas mais doces consolações e visitas, assim que, tomando consciência dessa nova etapa de sua história, o Mestre Inácio “perdeu totalmente essa ânsia de buscar pessoas espirituais” [Au 37,5].

Com essa atitude de refugiar-se apenas em Deus em questões transcendentais e já sabedor de possuir uma carga experiências densa e profunda, o Mestre Inácio dá muitos passos concretos em direção a mudança de atitude, convertendo-se de um alguém apenas aprendente para um ser Inacio aprendente-ensinante no mundo.

3.1.3 – *“Esses lhe seguiam porque também mendigavam”*. [Au 38,3]

Ao chegar em Gaeta, “após cinco dias com suas noites” [Au 38,1], um grupo se forma ao redor do Peregrino: “uma mãe, uma jovem que se vestia como um rapaz e um moço” [Au 38,3]. Tal grupo parecia sentir certa confiança nas atitudes do Mestre Inácio já que, mesmo sem uma relação formal preestabelecida, passaram a segui-lo pelo caminho.

Não sabia ainda o Mestre Inácio que esse insólito grupo iria colocá-lo em uma situação que lhe revolveria as entranhas e que o faria resgatar em sua memória os recentes tempos em que fora um guerreiro valente, justo e destemido.

Na noite que os quatro mendicantes passaram em albergue, os soldados que lá se encontravam quiseram forçar a mãe e a filha a se relacionarem com eles e ao encontrá-las chorosas o mestre Inácio retoma sua verve de cavaleiro e enfrenta com grande ímpeto e a gritos os maus e desonrados soldados [Au 38], enquanto o jovem que fazia parte do grupo tratava de refugiar-se em um local seguro, longe de qualquer possível perigo.

Mesmo não recebendo maiores agradecimentos das mulheres que ele havia salvado do que abandoná-lo “fraco pela viagem de barco e por tudo o demais” [Au 39,2] e seguirem seu caminho até Roma, o Mestre Inácio continua demonstrando o valor que nunca perderá do bom caráter de força e justiça aprendido nos muros dos castelos em que viveu por toda sua juventude em Loyola, em Arévalo e em Nájera. Ainda que fosse forçado a sair da paz interior que almejava, defender essas ‘donzelas’ era o óbvio a fazer do que havia aprendido na mente e no coração o sempre cavaleiro e cavalheiro Íñigo.

3.1.4 – “A senhora da terra”. [Au 39,4]

Também alguns encontros pessoais marcaram o caminho do Peregrino e “chegando a uma cidade (Fondi) que estava perto, a acharam fechada” [Au 39,1] pôde ter com a senhora do lugar que passava por uma das portas da cidade e com quem entabulou conversa “dizendo que apenas de fraqueza estava enfermo” [Au 39, 4] e essa senhora¹¹⁹ permitiu facilmente que ele entrasse na cidade.

O Mestre Inácio não estava em sua melhor forma física nem estética, visto que punha a correr com grande espanto quem desavisadamente cruzava seu caminho de tão desfigurado que se encontrava [Au 41,1], ainda assim, com a fidalguia de seus gestos e a força de sua palavra, pôde conseguir de um membro da nobreza local fácil acesso aos portões da cidade.

¹¹⁹ “Trata-se da condessa beatriz Appiana, mulher de Vespasiano Colonna, senhora de Fondi”. Rambla, 53, nota (7).

Tal encontro ajuda a apontar a profundidade de intenção e a sensatez de raciocínio que movia o peregrino a não só ir ter com quem tivesse autoridade de resolver seu problema, mas de conseguir captar inteligentemente, com as palavras certas à pessoa certa, a sensibilidade interna e a atenção de sua interlocutora a ponto de facilmente conseguir através dela o que não havia conseguido com os guardas todos os demais que queria abrigar-se na cidade.

3.1.5 – *Dos encontros não narrados...*

Ao relatar que

“tendo tomado a benção do Papa Adriano VI, depois partiu para Veneza oito ou nove dias depois da Páscoa da ressurreição. Leva todavia seis ou sete ducados, os quais lhe haviam dado para a passagem de Veneza a Jerusalém e os havia aceitado receber [...]”
[Au 40, 3-4]

o Mestre Inácio revela o encontro com gente piedosa que já em Roma lhe fornece o necessário para a viagem que iria empreender. Ou seja, tal encontro não narrado com esse(s) seus(s) benfeitor(es) na Cidade Eterna revela que o tema de levar ou não dinheiro não estava ligado ao consegui-lo ou não, pois já estava de posse da quantia necessária para fazer a viagem.

O tema que lhe move a refletir é outro e não o como fará para conseguir dinheiro para a travessia, mas sim se ficará com não som essa quantia. Não está claro como ele consegue esse valor, mas o certo é que fica latentemente presente a facilidade de Inácio de conseguir colaboradores que o apoiem, inclusive materialmente, em suas pias intenções.

3.1.6 – *“Deixando-lhe, quase noite, em um grande campo”. [Au 41,3]*

Para entrar em Veneza, qualquer peregrino (ou simples andarilho) tinha que adquirir um atestado de saúde que garantisse que ele não tinha “pestilências”. Desse modo, o Mestre Inácio, com “alguns companheiros que lhe acompanhavam pelo caminho” [Au 41,2], decidem partir a Pádua para conseguir cédula de sanidade que lhes garantiriam passo em Veneza. Aqui começa um momento de encontros, desencontros e

reencontros que será muito pedagógico na formação humana do Mestre Inácio: encontra-se com outros caminhantes, desencontra-se destes e reencontra-se com Cristo.

O grupo de recém conhecidos, Inácio com eles, iam a caminho de Pádua com um “passo muito firme” [Au 41,3] que Inácio não pode acompanhar. Esse abandono de seus companheiros de caminho já tinha sido vivido pelo Mestre Inácio em relação às duas mulheres que ele salvara [Au 39], assim que mais uma vez ficava patente sua impossibilidade de seguir a mesma marcha e o mesmo ritmo que os demais: seu coxear era um fator que lhe imprimia um ritmo próprio e lhe deixara mais lento que antes de forma que agora poderia, mesmo que forçosamente, contemplar com mais vagar os caminhos que percorria.

A composição de lugar que ele narra, estando o peregrino “quase noite em um descampado” [Au 41,3], é preambulo para o encontro “com seu Senhor que muito lhe confortou” [Au 41,4]. Pela mente de Inácio poderia passar duas linhas de pensamentos: a) ‘o Cristo já me aparece e me consola em minha vida cotidiana, assim que isso pode ser um sinal que ratifica essa relação pessoal sem maiores necessidades de ir viver em Jerusalém, servi-Lo-ei em minha vida cotidiana’ ou b) ‘se o Cristo já me aparece e me consola em minha vida cotidiana, quanto mais acertado será esse encontro quando eu viver em sua própria terra, Jerusalém’. Inácio seguiu de imediato a segunda linha de raciocínio, mas o tempo lhe mostrará que o primeiro pensamento é que vai conduzir sua vida futura para em tudo amar e servir.

Como ressonância do encontro que acaba de ter com seu Mestre e Senhor parece já não fazer falta que o peregrino busque uma certidão de sanidade, pois mesmo sem esse atestado passa por todas barreiras de inspeção “sem que os guardas lhe pedissem nada” [Au 41,5] e chega em Veneza, que era porto para ir a Terra Santa.

3.1.7 – “E, sabendo de sua intenção, o levou a comer em sua casa.” [Au 42,4]

Um último conjunto de encontros antes do Mestre Inácio viajar a Jerusalém dá-se já em Veneza. Mantendo-se das esmolas que pedia e dormindo na praça de São Marcos [Au 42, 2], um dia o peregrino “topa com um rico espanhol que lhe pergunta o que fazia e onde queria ir” [Au 42,4]. Esse encontro é tido pelo Mestre Inácio como

providencial, posto que nunca “quis ir à casa do embaixador do imperador espanhol, nem fazia diligência especial para buscar passar a Terra Santa” [Au 42,2].

O ‘homem de bem’ e a família que acolheu o peregrino encantam-se como o modo de proceder do Mestre Inácio [Au 43,1] que aproveitava-se do momento oportuno, depois da refeição, para falar de Deus, fazendo conexão com os temas que foram abordados durante a comida [Au 42,5]. Esse método, que acostumou-se a ter em seu tempo em Manresa [Au 42,5], cativou de tal modo essa família que estes queria reter a Inácio consigo [Au 43,1]. Contudo, o Mestre Inácio ‘não armou aí sua tenda’, mas partiu com o seu anfitrião para um encontro com o Duque de Veneza, de quem conseguiu “embarcação na nave dos governadores que iam a Cipro” [Au 43,2] e daí para Terra Santa.

Tal encontro reveste-se de uma maior importância metodológica pois configura-se como que um ‘ensaio’ inaciano sobre como tratar das coisas de Deus correlacionando-as com as matérias humanas, temas político-sociais e atividades corriqueiras. Encontros como esse e suas reverberações são de certa forma ensaios de uma espiritualidade encarnada na realidade que se está moldando no Mestre Inácio.

De fato, os sete encontros (e desencontros) dessa primeira etapa de sua peregrinação irá marcar o mestre Inácio sobremaneira a ponto de fazerem parte constitutiva desse seu grande relato autobiográfico; fato que, antes de contradizer sua intenção de ter só a Deus por abrigo sem auxílio humano nenhum, vai ser um fator confirmador de ver no auxílio humano que recebe o braço de Deus a conduzi-lo em sua jornada, de modo que o auxílio humano será para ele entendido sempre como fruto da graça e da misericórdia divinas e não de seus próprios merecimentos. Já aqui, com essa inversão de conceitos, um primeiro eixo didático e atitudinal começa a ganhar corpo no que viria a ser as bases da pedagogia humana e espiritual e da espiritualidade pedagógica e didática do Mestre Inácio no futuro: Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus [EE 236].

3.2 – A permanência em Jerusalém [EE 45-48]

A chave de leitura aqui escolhida para o presente estudo, os encontros do Mestre Inácio antes, durante e depois de sua peregrinação a Jerusalém, é ressaltada nesse segundo bloco de encontros pelo fato de ser dispensada apenas algumas linhas sobre aquilo que deveria ter sido o núcleo da peregrinação a Terra Santa, a visita aos santos lugares.

Dessa experiência o relato autobiográfico diz apenas que ocorreu “uma alegria que não parecia ser natural e que sentiu sempre nas visitas aos lugares santos” [Au 45,2], passando a focar-se o relato na relação que teve com as pessoas (maiormente com os Franciscanos), não detalhando os movimentos internos e as luzes que poderiam ser advindas do seu passo como peregrino por Jerusalém.

3.2.1 – *Do tríplice encontro com os custódios.*

Em Jerusalém, três encontros pessoais e três sentimentos predominantes vão marcar o Mestre Inácio: a) a esperança dada ao peregrino pelo guardião; b) a desilusão caudada pelo provincial Franciscano; c) a sujeição sofrida por parte do “cristão da cintura¹²⁰”.

a) Nesse encontro com o Guardião [Au 45,3-6] Inácio via aberta a possibilidade de seguir o plano de vida que acalentou desde Loyola [Au 8,2 - Au 9,3], e que perseverou em Manresa [Au 34,6] e “com essa promessa de poder ficar em Jerusalém confirmou o peregrino que começou a escrever cartas para Barcelona para pessoas espirituais” [Au 46,1], pois nisso ratificava-se as moções que havia sentido nos primeiros momentos de sua conversão. Era uma confirmação total e última a muito aguardada de seus novos pensamentos e sentimentos e o encerramento de um ciclo que consumiu os dois últimos anos de sua vida (1521-1523).

b) Contudo, esse não era ainda o fim de sua reforma de vida: Jerusalém não era ponto de chegada para o Mestre Inácio e sim outro ponto de partida. Tal entendimento ficou aclarado no encontro e conversa que ele teve com o provincial Franciscano que lhe provou categoricamente que de nenhum modo poderia permanecer em Jerusalém [Au 46,3 - 47,1]. Em pouco dias, os encontros tidos pelo peregrino colocaram-no em um turbilhão de sentimentos que o fizeram ir da plena certeza de seus propósitos à confusão de ver desbaratados seus ideais sobre como gastaria sua vida até o fim de seus

¹²⁰ Nome com que eram conhecidos os cristãos sírios que estavam a serviço do convento de Monte Sião. Seguramente esse nome advém do cinturão que levavam amarrado na cintura. (Rambla, 57, nota 15).

dias. Isso significava de algum modo voltar à estaca zero; com certeza estava o mestre Inácio repleto de novas experiências, mas teria que reformular tudo o que aprendera e sentira até então em relação a sua missão futura.

c) Com essa reviravolta em suas convicções, seus desejos imediatos são de guardar a presente experiência o mais que possa e, sabendo que não voltaria facilmente a tocar os lugares santos, partiu sem guia até o monte das oliveiras onde pretendia fazer oração e mirar bem onde estava o pé direito e onde o esquerdo na impressão do momento da ascensão que ficou gravado em uma pedra, como piedosamente se podia acreditar à época.

Assim que no terceiro e último encontro do Mestre Inácio em Jerusalém se dá um aprendizado que será memorável para ele e que servirá não só para sua vida, mas para a experiência de perseguição que terão seus futuros companheiros na história da Ordem que vai fundar. E Tal foi o aprendizado: apoiando-se na vida de seu Senhor¹²¹, saber ter alegria e consolação na perseguição sofrida em chave de oração e ação de graças, também na aflição e sujeição [Au 48,3-4], pois o guarda que lhe foi buscar “com um grande bastão e com grande raiva dava mostras que que queria bater-lhe, agarrando-lhe fortemente pelo braço” [Au 48,1-2].

3.3 – *O caminho de volta de Jerusalém a Barcelona [EE 49-54].*

A última etapa da narrativa autobiográfica sobre a viagem a Terra Santa trata do retorno do Mestre Inácio de Jerusalém a Barcelona; retorno não esperado por ele e que o vai colocar em várias situações de aprendizagem, inclusive com um virtual risco de morte pelo caminho que elege traçar até chegar em seu destino. Esse momento é de suma importância para o mestre Inácio pois nele se dará o seu “quid agendum”, “o que fazer?”, agora que “o dito peregrino entendeu que era vontade de Deus que não estivesse em Jerusalém” e desse modo “veio sempre pensando consigo que faria e, ao fim, se inclinava mais a estudar algum tempo para poder ajudar as almas e se determinou ir a Barcelona” [Au 50,3].

Os encontros nesse trajeto oscilaram entre: a) aquele espanhol que o havia acolhido em sua casa em Veneza [Au 50,2]; b) os pobres que lhe pedem esmolas em

¹²¹ Há uma tradição de que esse trajeto feito por Inácio, sob às ameaças do guarda, foi o mesmo caminho no qual Jesus foi levado prisioneiro, ou seja, desde o Monte das Oliveiras até Jerusalém.

uma Igreja em Ferrara [Au 50, 4-6]; c) os soldados que lhe tratam bem [Au 51,1]; d) os soldados que lhe tratam mal [Au 52-53].

a) No retorno a Veneza, a memória das relações ali estabelecidas com o ‘homem de bem’ e sua família fez com que ocorresse um novo encontro com aquelas pessoas que o acolheram em sua primeira estada na cidade dos canais. Aqui o Mestre Inácio já não narra as conversações espirituais que teve, como no primeiro encontro, mas registra o fruto de gratidão de tais entrevistas que se concretaram em “uma esmola de 15 ou 16 julhos (um décimo de ducado) e um pedaço de pano, o qual, dobrando-o muitas vezes, o colocou no estômago pelo grande frio que fazia” [Au 50,2].

b) O dinheiro recebido como esmola de seu benfeitor espanhol em Veneza logo seria dissipado, também em forma de esmolas, já em Ferrara. Esse ato de dar de graça o que de graça recebeu até não possuir nada de tudo que tinha, implica para o mestre Inácio em aprender que aquele que nada tem e nada quer ter tudo o que recebe, doa. Tal afirmação faz ficar firme em sua memória o ocorrido com o dinheiro recebido e logo distribuído, ganhando o peregrino duas identidades que seriam antitéticas, mas que nele se tornam complementárias na qual ele passa de esmoler a doador de esmolas e a esmoler outra vez. Tal relato põe a descoberto a liberdade que aprendeu com os eventos desses últimos anos de sua vida [Au 50, 4-6].

c) No caminho de Ferrara a Gênova, há o encontro com soldados espanhóis, que muito seguramente gozavam de bravura e virtude semelhantes a do próprio Mestre Inácio em seus tempos de cortesão e que “naquela noite lhe trataram muito bem” [Au 51,1]. Porém, apesar do tratamento recebido, o Mestre Inácio não fez caso dos conselhos de seus compatriotas para que ele não seguisse pelo caminho Real e sim tomasse uma outra via mais segura, que eles mesmos passaram a ensinar-lhe [Au 51,2]. O resultado que virá a seguir demonstrará a Inácio que a autossuficiência e a temeridade sempre cobram seu preço e se fará verdadeiro o dito que prega que ‘quem não escuta conselhos, raras vezes acerta’.

d) O último grande encontro do peregrino pós Jerusalém, que foi com os soldados que lhe vilipendiaram, se assemelha ao seu último encontro na Serra Santa, com o cristão da cintura [Au 48,1], pois está cercado de um clima de tensão e de ameaças que faz com que o Mestre Inácio, divergentemente do que se podia esperar em tão situação, não sinta outra coisa senão gozo e paz interior, indo com seus algozes pelo

caminho “sem nenhuma tristeza, antes com alegria e contentamento” [Au 52,2] tal qual o sentimento também vivido em Jerusalém [Au 48,3].

Nesse encontro com os soldados inimigos, antes de chegar em Barcelona e poder continuar sua jornada de autoconhecimento e de revelação dos planos de Deus para sua história de vida e seu projeto humano, o aprendizado recebido, e que serve de lição para os que passam por situação semelhante, diz respeito ao modo como saber encontrar paz, serenidade e humildade em um clima virulento, bélico e hostil. Pois mesmo que para o mestre Inácio se compusesse um cenário em que ele passou fome [Au 51,3], em que foi desnudado [Au 51,5], em que tentado a ser subserviente para talvez livra-se de um imerecido castigo [Au 52,3], em que temeu os tormentos que lhe adviriam [Au 52, 4] e em que foi tido por louco [Au 53,3], ainda assim ele se manteve constante em sua alegria e contentamento [Au 52,2] até ver-se livre dessa dura perseguição [Au 53,3].

Ainda outros encontros ocorreram até que o Mestre Inácio pudesse aportar em Barcelona [Au 53, 4-7], mas tais encontros não parecem se configurar como arquétipos de ensinamentos, que é o mote do presente trabalho, de modo que pode-se tomar aqui a mesma fórmula utilizada pelo Mestre Inácio no fechamento da narrativa de sua peregrinação para o encerramento desse capítulo da pesquisa, quando ele, ao dizer que em seu caminho de volta “passaram-se ainda muitas acontecimentos menores” [Au 53, 7], quer significar que tais eventos não caberiam ser narrados (e estudados) se quisermos nos ater ao projeto inicial da pesquisa aqui desenvolvida.

CONCLUSÕES.

Ao concluir a presente pesquisa, na qual pôde-se acompanhar o Mestre Inácio em seu caminho inicial de formação humana e sensível, um destaque importante a ser feito concerne ao fato de que agora seus objetivos e seu plano de vida estava bem mais aberto a mudanças que no decorrer da jornada. Esta característica pode representar a grande lição da construção desse relato autobiográfico até o ponto em que ele foi estudado nesse trabalho [Au 1 - 53]: todo o caminho traçado pelo peregrino até agora era uma espécie de preparação para o que estaria em seu porvir pós Jerusalém. Como que se tratasse de um ‘preâmbulo’ para ‘compor o lugar’ interno em que o Mestre Inácio deveria estar para só então perceber-se preparado para missão que lhe estava sendo confiada dali em diante. Tão marcado é esse sentido de preâmbulo no texto que o método investigativo da reflexão crítica com bases na análise do ensino aprendido, utilizado para a presente investigação, poderia muito facilmente ser acomodado para todo o texto autobiográfico.

Essa larga etapa de formação humana, de Loyola a Jerusalém, foi diametralmente oposta a etapa anterior de sua vida, de Loyola a Pamplona, na qual o objetivo já estava claro e certo para o Mestre Inácio a ponto de ele passar “até aos vinte e seis anos de idade, como um homem dado às vaidades do mundo que se deleitava sobretudo no exercício das armas, com um grande e vão desejo de honra” [Au 1,1].

Os aprendizados desse curto período de três anos, de 1521 a 1524, serão uma marca indelével pelo resto de sua vida. Nesse itinerário inicial, uma das grandes marcas dessa formação recebida pelo santo de Loyola é o modelo de como superar conflitos internos com a melhor e mais equilibrada resposta possível, elemento que o torna exemplo de perseverança em situações humanas limite que são tão comuns e arbitrárias na contemporaneidade, sabendo, sentindo e tendo como critério último não seu próprio eu egoísta, mas uma referência externa maior que ele contra quem ele não tomaria nenhuma atitude que tivesse intenção de ofender a esse “Ser maior” [Au 24,15]. Essa é uma lição que ainda está por ser aprendida por grande parte da sociedade que adere levemente e sem criticidade alguma ao modelo narcisista e hedonista atual.

Em certo sentido, pode-se dizer que apenas agora, depois de percorridos todos esses milhares de quilômetros, é que o Mestre Inácio vai encontrar o seu caminho e seu itinerário; apenas depois de todas essas lições recebidas e de tantas experiências vitais comunicadas aos demais é que passou a reconstruir-se nele um caráter que o fará ir mais

longe que seus próprios sonhos. Esse é um tipo de aprendizado que não tem preço, mas sim grandes e muitas e boas consequências.

Após as batalhas em Pamplona, o jovem guerreiro já está apto para aprender a encarar a vida de uma forma distinta da anterior. Sua formação até então parecia conduzi-lo a um aproveitamento imediato da vida, sugando dela todo o possível sem nada devolver e sem maiores reflexões sobre seu verdadeiro significado profundo e sobre a transcendência que ela necessariamente implica. Uma revisão desse estado de certa torpeza e alienação em que vivia, respaldada pelo requinte e pela bravura, era muito difícil de ocorrer por estar disfarçado sob o manto de um ideal a ser vivido de modo inquestionado pelos valores de sua cultura e de seu tempo. Com um atento olhar externo, ser um guerreiro bravo, justo, belo e bom configurava-se nessa altura da história no rincão em que nasceu o Mestre Inácio como o suprasumo da existência para qualquer homem bem-nascido como ele. Porém, um olhar interno e profundo, que sonda o verdadeiro âmago do indivíduo, vai esquadrihar nele, histórica e culturalmente, tal propósito de vida, construído de modo a reconfigurá-lo com os aspectos mais universais e servis da existência.

Tal é a mutação que se dá no Mestre Inácio em Loyola: uma convicção de que o passo mais acertado a ser dado diz respeito a conversão de atitudes internas e vitais que começa a ser aprendida por ele, sem outro roteiro que não sua própria intuição; sem outros professores claramente destinados senão as vozes que murmuram em seu interior e os convivas de seu ambiente e contexto familiar; e sem um arquétipo claro de como portar-se diante de acontecimentos tão axiais para seu futuro e que seja merecedor de que por ele se gaste toda a vida.

As conceituações e os aprendizados ocorridos já em Montserrat é que vão dar o tom de seu comportamento futuro em duas frentes: 01) não arvorar-se de ser já um mestre pronto a ensinar se não se tem ainda um suficiente domínio do conteúdo a ser comunicado, mesmo que em seu interior haja um ardente desejo de ensinar o que se aprendeu. O desejo é apenas uma das faces da moeda do ensino-aprendizagem, sendo que a outra face é a capacitação permanente do educador. 02) Todo gesto e atitude tem suas consequências inevitáveis, por isso, mesmo que a ação intencionada possa parecer a mais reta possível, ainda assim, ela tem a potencialidade de desencadear situações que se lhe fogem do controle. Daí que a pergunta fundamental a ser feita como crivo moral e atitudinal é se tal ação e suas possíveis consequências farão um bem duradouro e permanente não só a mim mas também aos demais.

As depressões e os êxtases de Manresa são experimentações que geram aprendizado vitais ao passo que são também um tempo e um lugar que colocam o Mestre Inácio em situações antagônicas de desespero e de vitórias. Poder chegar ao grau mais profundo de desesperação para, no passo seguinte, ser atingido por um elevado grau da iluminação, entendendo tudo de um modo novo e belo, é digno de ser comunicado como a forte capacidade humana de abarcar o melhor e pior dos acontecimentos da vida. Saber registrar e arquivar profundamente tal experiência é indubitavelmente o que, sobretudo, se pode salvaguardar da “Manresa inaciana”.

Dos encontros e dos desencontros em Jerusalém, o Mestre Inácio vai entrar ainda mais em si para conhecer-se a si mesmo sem no entanto desprezar o contexto que o marca e que, em certo sentido, o determina. Ao dar um lugar de grande destaque ao caminho traçado, de ida e de volta, na peregrinação empreendida, fica latente que ele já assimilou fortemente alguns aprendizados profundos, ocorridos nos últimos meses e nos mais diversos lugares pelos quais passou, aprendizados esses que o fizeram narrar nesse ponto da autobiografia mais as relações com as pessoas do que as experiências místicas obtidas nos caminhos dos santos lugares, que seria o objetivo principal de tal peregrinação. É merecido um destaque ainda maior para esse aspecto quando nos atemos ao objetivo geral da narração autobiográfica que, no dizer de Câmara, era “declarar tudo o que tinha passado pela sua alma até ali¹²²”. Em outras palavras, essa assertiva significa dizer que falar de como Deus vai guiando seus passos é falar de como os encontros com os demais é fator determinante para entender que projetos Deus apresenta para os novos passos da sua jornada de vida.

Apenas após ter percorrido esse árduo e bonito caminho é que o Mestre Inácio estará maduro o suficiente e pronto o bastante para “começar a vida nova” [Au 21,3] que se lhe estava sendo oferecida. E essa nova vida, pós Terra Santa, o fará “inclinar-se mais a estudar algum tempo para poder ajudar as almas e se determinava ir a Barcelona” [Au 50,3]. Desde esse momento, e pelo resto de sua vida, os temas de educação, os métodos de estudo, as técnicas de ensino e o aprendizado integral, nunca mais o abandonarão, seja como alguém em constante aprendizado, seja como um Mestre na arte de formar mentes e espíritos abertos ao compromisso de, assim como ele, em tudo amar e servir para maior glória de Deus e proveito das almas.

¹²² Autobiografia, Prólogo, 1.

Essa, portanto, tornou-se uma investigação que se abre para uma possível continuidade de estudo quanto à segunda metade da Autobiografia [54-101] que intencionalmente não foi abordada de modo aprofundado por ultrapassar o limite estabelecido na pesquisa.

Tal como o propósito que tinham os primeiros Companheiros com o registro da Autobiografia, salvas as devidas proporções, também esse trabalho tem a pretensão de ser um material que possa servir para *refletir* sobre a vida de Inácio e *tirar proveito* para a própria vida.

Reforça-se nessas conclusões que esse é um texto para ser lido em espiral, ou seja, cada uma das três partes de todos os três capítulos foi sistematizada para coincidirem entre si, relendo e aprofundando de parte a parte o seu sentido e intenção.

Como uma alusão aos frutos obtidos nesse itinerário que aqui encerramos e que desencadeou os novos caminhos que serão traçados pelo Mestre Inácio, e entendendo que em cada ciclo de vida e de aprendizado já está contido em essência o ciclo seguinte, não encontramos melhor modo de concluir essa pesquisa, sem contudo encerrá-la, do que destacando o trecho em que o próprio Mestre Inácio revê sua vida, pós Terra Santa, e lança-se ao futuro com novos e potencias projetos, principalmente o de estudos formais escolares [Au 54]:

“Chegado a Barcelona **manifestou a sua intenção de estudar** a Isabel Rocer e com um mestre chamado Ardévol que ensinava gramática. A ambos pareceu muito bem, e ele ofereceu-se para o ensinar de graça, ela [Isabel Roser] dar-lhe-ia o que fosse necessário para o sustentar. O peregrino conhecera em Manresa um frade, creio que de S. Bernardo, homem muito espiritual, e **desejava estar com ele, para aprender**, e para poder dar-se mais comodamente ao espírito, e também **aproveitar às almas**. E assim respondeu que aceitava a oferta, se em Manresa não encontrasse a comodidade que desejava. Mas tendo lá ido, disseram-lhe que o frade tinha morrido. Por isso regressando a Barcelona, **começou a estudar com muita diligência**”. [Au 54].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹²³

- ALBUQUERQUE, Antonio. *Diego Laínez. Primer biógrafo de San Ignacio*. Ed. Mensajero/Sal Terrae. Bilbao/Santander, 2005.
- ARTECHE, Jose de. *San Ignacio de Loyola Biografía*. Herder. Barcelona, 1941.
- ARZUBIALDE, Santiago. *Ejercicios Espirituales de S. Ignacio Historia y Análisis*. 2ª Ed. Mensajero/Sal Terrae. Bilbao/Santander, 2009.
- ASTRAIN, Antonio. *Vida breve de San Ignacio de Loyola*. Mensajero. Bilbao, 1921.
- BAKKER, Leo. *Libertad y experiencia*. Mensajero/Sal Terrae. Bilbao/Santander, 1995.
- BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral. 76ª edição. Paulus. São Paulo, 2010.
- CORELLA, Jesús. *Sentir la Iglesia*. Mensajero/Sal Terrae. Madrid, 1995.
- COSTA, Maurizio. *Autobiografía. S. Ignazio di Loyola. Comentários*. CVX/CIS. Roma, 1991.
- DALMASES, Cándido de. *El Padre Maestro Ignacio*. BAC Popular. Madrid, 1986.
- Diccionario de Espiritualidad Ignaciana Vol. I e II. Ediciones Mensajero, S.A. Bilbao/Santander, 2007.
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Ed. Objetiva. Rio de Janeiro, 2001.
- ECHARTE, Ignacio (Ed) *Concordancia Ignaciana*. Ediciones Mensajero, S.A. Bilbao/Santander, 1996.
- GARCÍA DOMÍNGUEZ, Luis María. *La entrevista en los Ejercicios Espirituales*. Mensajero/Sal Terrae. Bilbao/Santander, 2010.
- GARCÍA HERNÁN, Enrique. *Ignacio de Loyola*. Taurus. Madrid, 2013.
- GARCIA MATEO, Rogelio. *Formación castellana de Ignacio de Loyola y su espiritualidad*. Revista Manresa. nº 58, pp. 357-383.
- _____, *Formación administrativa de Ignacio de Loyola en Castilla y su personalidad*. Revista Manresa. nº 232, pp. 279-288.
- _____, *El Rey Eternal, ética, política y espiritualidad*. Revista Manresa. nº 235, pp. 135-145.

¹²³ Tomamos aqui as normas de citação constantes na ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

- _____, *La gran mutación de Iñigo a la luz del Vita Christi Cartujano*. Revista Manresa. nº 238, pp. 31-44.
- _____, *Los estudios filosóficos de Ignacio de Loyola y su espiritualidad*. Revista Manresa. nº 242, pp. 73-68.
- _____, *Hagamos redención del género Humano [EE 107]. Universalismo Ignaciano*. Revista Manresa. nº 28, pp. 211-220.
- GARCÍA-VILLOSLADA, Ricardo. *San Ignacio de Loyola Nueva Biografía*. BAC. La Editorial Católica, S.A. Madrid, 1986.
- GIULIANI, Maurice. *Acoger el tiempo que viene. Estudios sobre San Ignacio de Loyola*. Mensajero/Sal Terrae. Bilbao/Santander, 2006.
- GIL, E. *El sistema educativo de la Compañía de Jesús*, UPComillas. Madrid, 1992.
- IGLESIAS, Ignacio. *“Sentir y Cumplir” Escritos Ignacianos*. Mensajero/Sal Terrae. Bilbao/Santander, 2013.
- ITURRIOZ, Jesús. *Años juveniles de San Ignacio en Arévalo (1506-1517)*. In: Ignacio de Loyola en Castilla. Ed. CAP/Valladolid. Gráfica Andrés Martins S.A. Valladolid, 1989.
- RUIZ JURADO, Manuel. *El peregrino de la voluntad de Dios*. BAC. Madrid, 2005.
- KOLVENBACH, P.-H., *Decir... al “Indecible”*. Mensajero/Sal Terrae. Bilbao/Santander, 1999.
- _____, *“Lenguaje y antropología. El Diario Espiritual de San Ignacio”* CIS. Napoli, 1991. pp. 9-19.
- KÖVECSES, Géza. (Org.) *Exercícios Espirituais de Santo Inacio de Loiola*. CECREI: Porto Alegre, 1966.
- LAMET, Pedro Miguel. *El caballero de las dos banderas*. Martínez Roca. Barcelona, 2000.
- LETURIA, Pedro. *El gentilhombre Iñigo de Loyola*. Labor S.A. Barcelona, 1941.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. 2ª Ed. Tradução Maria Júlia Goldwasser. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1996.
- MARYKS, Robert (Org.). *Giacomo Láinez Prima biografia ignaziana*. In.: CIS Appunti di Spiritualità nº 44. Napoli, 1996.

- MEISSNER, W.W. *Ignacio de Loyola Psicología de un santo*. Anaya & Mario Muchnik. Barcelona, 1995.
- MONTES, Benigno Hernández. *Recuerdos Ignacianos. Memorial de Luiz Gonçalves da Câmara*. Mensajero/Sal Terrae. Bilbao/Santander, 1991.
- RODRÍGUEZ OLAIZOLA, José M^a Rodríguez. *Ignacio de Loyola, nunca solo*. San Pablo. Madrid, 2006.
- PIZARRO LLORENT, Henar. *Un gran Patrón en la Corte de Felipe II. D. Calos Gaspar de Quiroga*. UPComillas. Madrid, 2005.
- RAMBLA, Josep María. (Org.) *El Peregrino Autobiografía de San Ignacio*. 6^a Ed. Mensajero/Sal Terrae. Bilbao/Santander, 2011.
- MScripta: Scripta de Soneto Ignacio de Loyola (2 vols.), Madrid 1904-1918(25,56)
- TELLECHEA IDÍGORAS, José Ignacio. *Ignacio de Loyola, solo y a pie*. Ed. Sigueme. Salamanca, 1990.
- THIÓ DE POL, Santiago. *La intimidad del Peregrino*. Mensajero/Sal Terrae. Bilbao/Santander, 1998.
- TZU, Sun. *A Arte da Guerra*. Jardim dos livros São Paulo, 2007.

a.m.D.g.